

# **A vila e o concelho de Santarém sob a invasão francesa de 1810-1811 Impactos materiais e humanos**

*Prof. Doutor Carlos Guardado da Silva<sup>1</sup>*

## **Resumo**

*A vila e o concelho de Santarém sob a invasão francesa de 1810-1811: Impactos materiais e humanos* é um estudo qualitativo sobre as consequências materiais e humanas da terceira invasão francesa no concelho de Santarém. O autor, parte da análise de 83 documentos inéditos, que contextualiza, caracterizando, de seguida, o concelho de Santarém em 1810-1811. Depois estuda os impactos humanos desta invasão, nomeadamente o êxodo populacional, os múltiplos actos de violência praticados, entre os quais a morte, que tinha também outras causas como a fome e as epidemias. Continua com o estudo dos impactos materiais, decorrentes de actos de roubo, destruição e incêndio, assim como a perda dos bois nos exércitos,

---

<sup>1</sup> Responsável pelo Arquivo Municipal de Torres Vedras e Professor Auxiliar Convidado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. carlosguardado@campus.ul.pt.

terminando com uma breve análise à ajuda britânica em cada freguesia escalabitana.

**Palavras-chave:** Guerra Peninsular; Invasões Francesas; Terceira Invasão Francesa; Portugal; Santarém (concelho); 1810-1811.

### **Abstract**

A vila e o concelho de Santarém sob a invasão francesa de 1810-1811:

Impactos materiais is a qualitative study about the human and material consequences of the third French invasion in the municipality of Santarém.

The author begins analyzing 83 unpublished manuscripts, which contextualizes, to characterize, then, the municipality of Santarém in 1810-1811. After, he studies the human impacts of this invasion, namely the population exodus, the multiple acts of violence committed, including death, which had also other causes such as famine and epidemics. Thereafter, he continues studying the material impacts arising from acts of theft, destruction and fire, as well as the loss of oxen with the armies, ending with a brief analysis of British aid in each parish of Santarém.

**Key-words:** Peninsular War, French Invasions, Third French Invasion, Portugal, Santarém (Municipality), 1810-1811.

Nos últimos anos, quer no âmbito das comemorações do bicentenário da Guerra Peninsular (1807-1814), quer no âmbito mais específico da construção das Linhas de Torres Vedras (1809-1812), têm sido editados diversos estudos sobre estes acontecimentos, no contexto das guerras napoleónicas, que colocaram o nosso país no palco da história europeia. Pela natureza das próprias fontes, contam-se em maior número os estudos políticos-diplomáticos e de organização e estratégia militares, sendo ainda diminutos os estudos acerca dos impactos materiais e humanos das tradicionalmente designadas invasões francesas, mormente da invasão de 1810-1811, sob o comando do general André Massena. Os aspectos humanos da campanha, assim como os sofrimentos impostos às populações têm sido menos estudados, mas não deixaram de acolher a atenção de diversos investigadores, de que se são exemplo os importantes contributos trazidos por Gabriela Gândara Terenas<sup>2</sup>, a partir das fontes inglesas, e Cristina Clímaco, das fontes francesas<sup>3</sup>, bem como os estudos de André Melícias<sup>4</sup>, António Pedro Vicente<sup>5</sup>, Maria Antónia Lopes<sup>6</sup> e Carlos Guardado da Silva<sup>7</sup>.

---

<sup>2</sup> TERNAS, Gabriela Gândara – O Portugal da Guerra Peninsular: a visão dos militares britânicos: 1808-1812. Lisboa: Colibri, 2000. [2.<sup>a</sup> ed. 2010]

<sup>3</sup> CLÍMACO, Cristina – *As Linhas de Torres Vedras: Invasão e resistência: 1810-1811*. Torres Vedras: Câmara Municipal; Lisboa: Colibri, 2010.

<sup>4</sup> MELÍCIAS, André Filipe Vítor – *As Linhas de Torres Vedras: construção e impactos locais*. Torres Vedras: Livrododia, Câmara Municipal, 2008.

<sup>5</sup> Cf. VICENTE, António Pedro – As Linhas de Torres Vedras: impactos económicos e sociais. In: MONTEIRO, Miguel Correia, coord. (2011) – *Linhas de Torres Vedras: um sistema defensivo a norte de Lisboa*. Torres Vedras: PILT; Lisboa: Academia Portuguesa de História. p. 143-207.

Para Santarém, é de referência obrigatória o estudo de Fernando Manuel da Silva Rita, intitulado *A Guerra Peninsular em Santarém: impactos da terceira invasão francesa na região em 1810 e 1811*.

Neste aspecto, os arquivos reservam, certamente, muitas surpresas aos historiadores, podendo as fontes primárias aí depositadas contribuir para trazer à luz uma faceta menos conhecida da Guerra Peninsular, designadamente a dimensão humana da campanha, nomeadamente como viveu, sentiu e sofreu a população portuguesa o conflito bélico.

Em 2008, Maria Antónia Lopes apresentou o estudo *Mujeres (y hombres) victimas de la 3.ª invasión francesa en el centro de Portugal* no Congreso Internacional del Bicentenario, *El comienzo de la Guerra de la Independencia*, em Madrid, onde relevava precisamente a dimensão humana e o impacto da guerra sobre a sociedade, recorrendo a documentação respeitante à diocese de Coimbra, conservada no Arquivo da Universidade de Coimbra. Precisamente o mesmo tipo de fontes que utilizámos no nosso estudo *A invasão francesa de 1810-1811: consequências materiais e humanas*

---

<sup>6</sup> LOPES, Maria Antónia – *Mujeres (y hombres) victimas de la 3.ª invasión francesa en el centro de Portugal*. In: GARCÍA, Emilio de Diego, dir. - *El comienzo de la Guerra de la Independencia: Congreso Internacional del Bicentenario: Madrid, 8-11 de abril 2008: Actas*. Madrid: Editorial Actas, 2009. p. 750-772.

<sup>7</sup> SILVA, Carlos Guardado - «A invasão francesa de 1810-1811: consequências materiais e humanas no território da 1.ª Linha de Torres Vedras». In: VICENTE, António Pedro, coord. cient. - *A Guerra Peninsular em Portugal: 1810-1812: Derrota e perseguição: a invasão de Masséna e a transferência das operações para Espanha: XX Colóquio de História Militar: Actas*. Lisboa: Comissão Portuguesa de História Militar, 2012. Vol. 2, p. 747-778.

<sup>8</sup> RITA, Fernando Manuel da Silva - *A Guerra Peninsular em Santarém: impactos da terceira invasão francesa na região em 1810 e 1811*. Lisboa: Prefácio, 2011.

no território da 1.<sup>a</sup> Linha de Torres Vedras, tratando-se, neste caso, de documentação relativa ao patriarcado de Lisboa.

As fontes maioritariamente utilizadas neste estudo sobre os impactos materiais e humanos na vila e concelho de Santarém sob a invasão francesa de 1810-1811 encontram-se integradas no mesmo conjunto<sup>9</sup> de fontes que utilizamos no estudo anterior, em número de 83 documentos<sup>10</sup>, divididos em cinco grupos, tendo em conta o seu conteúdo e destinatário, com informações sobre a paróquia e a freguesia, designadamente:

**1. Relação** remetida por cada pároco ao Patriarca Eleito<sup>11</sup>, na sequência de uma ordem deste e de um Aviso Régio, de 25 de Março de 1811, que ordenavam respondessem a um pequeno inquérito de seis questões, procurando fazer um levantamento exaustivo de cada paróquia após a invasão de *l'Armée de Portugal*, sob o comando de André Massena<sup>12</sup>.

---

<sup>9</sup> MNA - «Documentos para o estudo da época da Guerra Peninsular» comprados por J. J. Leite de Vasconcelos no alfarrabista, na rua da Páscoa, n.º 35, em Lisboa, a 1 de Julho de 1909.

<sup>10</sup> 38 relações, 42 cartas de resposta com identificação dos beneficiários e valor recebido do donativo britânico, e 3 cartas de resposta com a identificação dos pequenos proprietários rurais e cingeleiros (com junta de bois ou vacas) que perderam os seus bois nos exércitos. A informação destes últimos documentos encontra-se, por vezes, contida nas relações das respectivas freguesias.

<sup>11</sup> Título atribuído ao patriarca nomeado pelo rei, que pede ao cabido para que o elejam vigário capitular, mas não confirmado por Roma. Título que encontramos em período de *sede vacante*, na ausência da confirmação de Roma a cada patriarca eleito, o que aconteceu no patriarcado de Lisboa, entre 1809 e 1818. AHPL – *Registo: 1782-1817*. Liv. 13.

<sup>12</sup> Esta dupla ordem, da Regência e do Patriarca Eleito, faz com que encontremos, por vezes, relativa a cada paróquia, duas *relações* (relatórios) de resposta, idênticas, mas que visavam destinatários distintos, apesar de serem remetidas através do patriarcado, a única estrutura que conseguiu manter o

2. **Carta com relação** dirigida ao bispo patriarca eleito de Lisboa, informando quem e quanto deveria receber cada pessoa ou família;
3. **Carta** de resposta, remetida por cada pároco, na sequência do Aviso do bispo patriarca eleito de Lisboa, sobre as verbas atribuídas a cada pessoa ou família provenientes do donativo britânico;
4. **Carta** remetida por cada pároco, na sequência de um Aviso Régio de 22 de Junho de 1811, informando sobre as pessoas que perderam os seus bois no serviço dos exércitos *combinados* (aliados) e invasor.

### **As “relações” dos párocos**

As relações elaboradas pelos diversos párocos respondiam a dois officios, um do Patriarca Eleito, D. António Caetano Maciel Calheiros, e outro da Regência, que visavam conhecer o estado do reino após a invasão francesa de 1810-1811. A resposta do pároco de São Martinho, Carlos da Silva Machado, datada de Santarém, 14 de Maio de 1811<sup>13</sup>, é bem elucidativa a este respeito ao referir que respondia aos officios expedidos remetidos pelo desembargador vigário geral do arcediagado<sup>14</sup> de Santarém que continham as ordens

---

contacto com a população, apesar da ausência dos párocos nas paróquias, entre inícios de Outubro de 1810 e Março de 1811.

<sup>13</sup> MNA - Documentos para o estudo da época da Guerra Peninsular: Relação da paróquia de São Martinho. 1811, Maio 14.

<sup>14</sup> Território sob a jurisdição de um arcediago ou arqui-diácono, isto é um vigário-geral encarregado pelo bispo da administração de uma parte da

A vila e o concelho de Santarém sob a invasão francesa de 1810-1811

Impactos materiais e humanos

*do Senhor Bispo Patriarcha Eleito..., do Reverendissimo Desembargador Inspector, e ate mesmo do Governo. Curiosa também é a nota colhida na resposta do pároco de Santiago Mayor de Tremês, Manuel Caetano Rodrigues da Fontoura e Mello, de que a ordem lhe foi transmitida oralmente pelo desembargador vigário geral de Santarém.*

Vítor Venâncio Mayer, pároco da freguesia de São Domingos de Vale de Figueira, dá-nos testemunho do procedimento na sua resposta datada de 15 de Junho de 1811: *Relação dos factos perpretados nesta freguezia de São Domingos de Val de Figueira pelos inimigos durante o tempo da invazão, a que procedi por ordem do Excelentissimo Senhor Patriarcha Elleito, por avizo, que lhe foi dirigido do nosso governo, e me foi participado pelo reverendo vigario geral de Santarem*<sup>15</sup>. *Informação igualmente confirmada pelo pároco da freguesia de Vaqueiros, anexa de Santa Maria de Casével, Frei José Antunes Branco, que, na sua Relação de 19 de Junho de 1811, refere ser em comprimento da ordem do Excelentíssimo Senhor Patriarcha Eleito, enquanto em nova Relação datada do dia seguinte indica que satisfaz a ordem de Vossa Excelencia (Patriarcha Eleito) e Avizo dos Excelentissimos Senhores governadores deste reino*<sup>16</sup>. Tratando-se de

---

diocese. Na hierarquia da Igreja, o arcediogo encontra-se abaixo do bispo e acima dos clérigos.

<sup>15</sup> MNA - Documentos para o estudo da época da Guerra Peninsular: Relação da paróquia de Vale de Figueira. 1811, Junho 15.

<sup>16</sup> MNA - Documentos para o estudo da época da Guerra Peninsular: Relação da paróquia de Vaqueiros. 1811, Junho 19; Relação da paróquia de Vaqueiros. 1811, Junho 20.

dois officios de proveniências distintas, justificava-se a escrita de duas cartas de resposta, uma respondendo à ordem do Patriarca Eleito e Aviso dos Governadores do Reino, a outra respondendo ao officio do Patriarca Eleito, como atesta Frei José Antunes Branco, pároco de Santa Maria de Casével, nas suas relações de 15 e 17 de Junho de 1811. Assim se explica a existência, por vezes, de duas relações semelhantes remetidas pela mesma paróquia e, num caso, de três, tratando-se a primeira certamente de um rascunho.

A existência de dois officios remetidos pelo Patriarcado, assim como as respostas que lhe eram exigidas, quer fosse aquele o destino último ou não, explica as observações do padre Joaquim de Cunha Lima, assim como a sua concretização numa única carta dividida em duas partes, pois seguia pela mesma via. A primeira parte começava do seguinte modo: *relação da freguesia de São Brás da Romeira pedida pelo Senhor Desembargador Vigario Geral de Santarem, Inspector das Igrejas deste Patriarcado. A segunda parte: informação que pede o segundo avizo das atrocidades, mortes, roubos, incêndios, desacatos cometidos nesta igreja de São Bras da Romeira*<sup>17</sup>.

A resposta ao primeiro officio do mês de Março, proveniente do Patriarca Eleito, foi expedida através do desembargador vigário-geral de Santarém, também o inspector das igrejas invadidas do patriarcado, cargo que exerceria então Domingos Ferreira<sup>18</sup> com o

---

<sup>17</sup> MNA - Documentos para o estudo da época da Guerra Peninsular: Relação da paróquia de São Brás da Romeira. 1811, Julho 8.

<sup>18</sup> MNA - Documentos para o estudo da época da Guerra Peninsular: Relação das pessoas doentes e necessitadas da freguesia de São João Evangelista de Alfange da villa de Santarem. 1811, Setembro, 28.

A vila e o concelho de Santarém sob a invasão francesa de 1810-1811

Impactos materiais e humanos

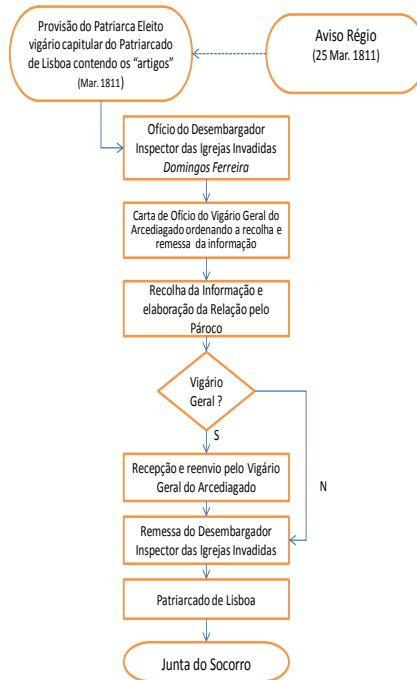
doutor Manuel Agostinho Madeira Torres<sup>19</sup>, pároco da igreja de Santa Maria de Torres Vedras.

---

<sup>19</sup> Sobre Manuel Agostinho Madeira Torres, vejam-se os seguintes estudos: CLEMENTE, Manuel – *Torres Vedras sob as invasões francesas: o testemunho do padre Manuel Agostinho Madeira Torres*. Lisboa: sep. da Revista Militar, 1991; CATARINO, Maria Manuela – Manoel Agostinho Madeira Torre: percursos de uma vida. In: *Turres Veteras VII: História das figuras do poder*. Torres Vedras: Câmara Municipal. 2005, p. 121-128; FERREIRA, Ana [et al.] – *Manoel Agostinho Madeira Torres: o patrono da Escola Secundária de Madeira Torres*. Torres Vedras: Escola Secundária de Madeira Torres, 2006.

## Fluxo da Informação sobre o estado da freguesia após a invasão

Figura n.º 1



Em suma, a solicitação de informação acerca do estado de cada freguesia pelo patriarca eleito antecedia idêntica solicitação que, alguns dias depois, a regência procurava conhecer, por aviso régio, datado de 25 de Março<sup>20</sup>, como parece relatar o reitor da igreja de São Domingos de Carmões, no termo de Torres Vedras. Um dado relevante, se considerarmos que, a 25 Março, se dava a vitória como certa<sup>21</sup>, quando *l'Armée* de Portugal se encontravam ainda na região

<sup>20</sup> MNA - Documentos para o estudo da época da Guerra Peninsular: Relação da paróquia de São Domingos de Carmões. 1811, Abril 22.

<sup>21</sup> LOPES, Maria Antónia – *Op. cit.* p. 756.

A vila e o concelho de Santarém sob a invasão francesa de 1810-1811

Impactos materiais e humanos

da Guarda, passando a fronteira apenas a 4 de Abril, mantendo uma guarnição na praça de Almeida até 11 de Maio.

O ofício continha inserto no mesmo ou em anexo um pequeno inquérito com seis questões, procurando o testemunho de cada pároco acerca dos acontecimentos na paróquia desde a entrada dos franceses até à sua saída, a fim de avaliar o estado da mesma. Não tendo ainda conseguido aceder ao mesmo, é possível, no entanto, conhecer o seu conteúdo através das respostas dos diferentes párocos, que o faziam intitulado o seu documento de *Relação*:

### **[“Inquérito”]**

*1.º Onde he situada?*

*2.º Quantos fogos e almas tinha?*

*3.º Os dias em que entrarão e sahirão os exércitos?*

*4.º As igrejas e ermidas que se comprehendem na freguezia?*

*5.º As profanaçoens que se commeterão contra a Nossa Sagrada Religião?*

*6.º As crueldades, roubos e violencias que se fizerão?*

Em resposta, quer à Provisão do Patriarca Eleito, quer ao Aviso Régio, as relações escritas e remetidas pelos diferentes párocos testemunham actos de violência, tortura, violações e roubos, mortes (excluindo as mortes em combate, quer das tropas regulares quer não regulares), profanação de templos, queima e quebra de alfaias religiosas e agrícolas, assim como de casas, e a destruição dos arquivos paroquiais, nomeadamente dos livros abertos, que não

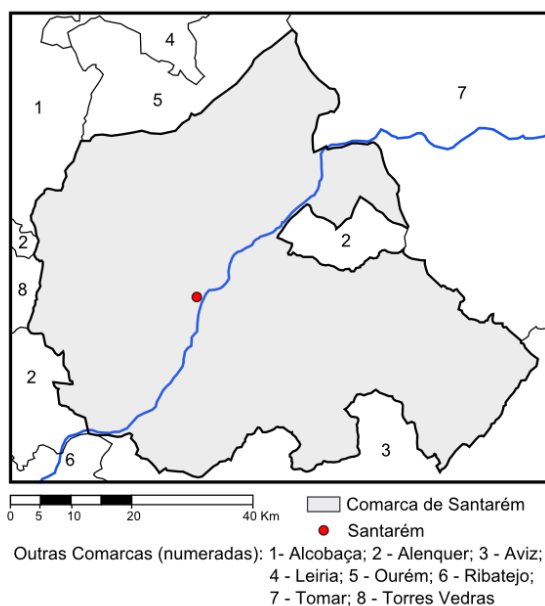
foram atempadamente postos a salvo. São todos testemunhos dos sofrimentos infligidos à população.

### O concelho de Santarém em 1810-1811

Santarém era então um concelho extenso, cabeça de comarca e sede de arcediagado, com cerca de 37 mil habitantes<sup>22</sup>. A freguesia de Azinhaga integrava, porém, o arceprelado da Golegã.

### Comarca de Santarém

Figura n.º 2<sup>23</sup>

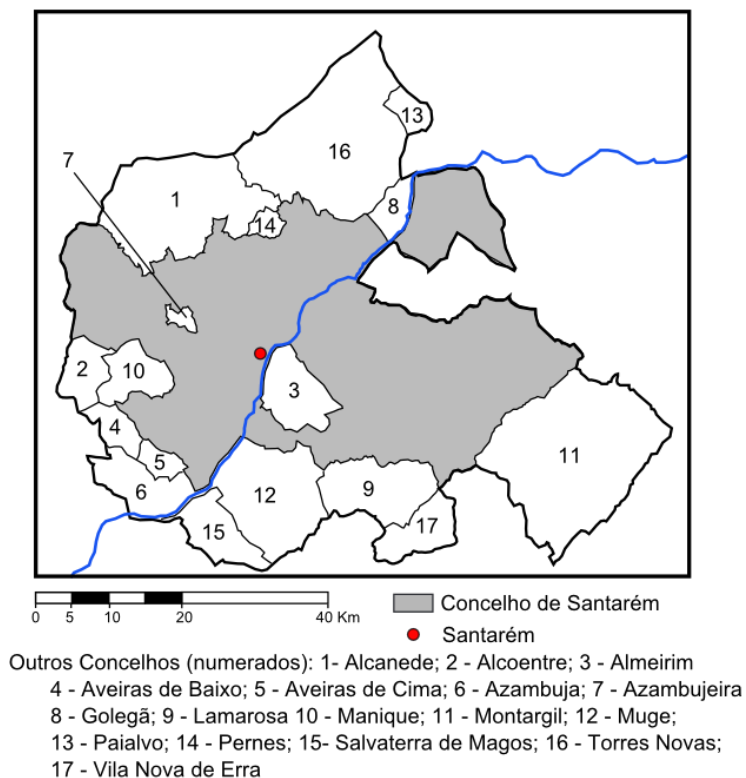


<sup>22</sup> SILVEIRA, Luís Nuno Espinha da, coord. – «Censo de 1801». In: *Os Recenseamentos da população portuguesa de 1801 e 1849: edição crítica*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 2001. Vol. 1, p. 189-191.

<sup>23</sup> O grafismo dos mapas aqui apresentados deve-se a André Filipe Vítor Melícias, a quem reconhecidamente expressamos o nosso agradecimento.

### Concelho de Santarém

Figura n.º 3



Tinha 45 freguesias, 13 urbanas e 32 rurais. Eram aquelas Marvila, O Salvador, Santa Cruz da Ribeira, Santa Iria, Santa Maria de Alcáçova, Santo Estêvão do Santíssimo Milagre, São João Evangelista de Alfange, São Julião, São Lourenço, São Martinho, São Mateus, São Nicolau e São Tiago. Hoje encontram-se reduzidas ao número de quatro: Marvila, Santa Iria da Ribeira de Santarém, Salvador e São Nicolau.

## As freguesias da vila e concelho de Santarém<sup>24</sup>

Tabela n.º 1

N.º Ordem	Nome	Município (2013)
1	Abitureiras	Santarém
2	Achete	Santarém
3	Alcanhões	Santarém
4	Almoster (Santa Maria de...)	Santarém
5	Alpiarça <sup>25</sup>	Alpiarça <sup>26</sup> [1914- ]
6	Arruda dos Pisões [1702- ] <sup>27</sup>	Rio Maior
7	Azinhaga <sup>28</sup>	Golegã [21.11.1895- ]
8	Azoia de Baixo <sup>29</sup>	Santarém
9	Azoia de Cima	Santarém
10	Cartaxo	Cartaxo [1815- ]

<sup>24</sup> IDEM – *Ibidem*. p. 189-191.

<sup>25</sup> Alpiarça, município com uma só freguesia que integrou o concelho de Santarém até 1836, altura em que passou para o concelho de Almeirim. Em 1895, integrou o concelho da Golegã. Em 17 de Fevereiro de 1906 foi elevada a vila e, em 2 de Abril de 1914, pela Lei n.º 129, a sede de concelho. Aquando das invasões francesas, esteve aquartelado em Alpiarça o alferes Bernardo Sá da Bandeira, futuro marquês Sá da Bandeira, pois Santarém estava ocupada pelas tropas de Massena. PRATES, Nuno – *Alpiarça da Idade Média à época contemporânea* [em linha]. In: Município Alpiarça. Conhecer Alpiarça. História. Disponível no endereço da URL em: <<http://www.cm-aliarca.pt/concelho/historia/ate-ao-sec-xx>>. [acedido em 8 de Abr. 2013].

<sup>26</sup> Uma única freguesia. Integrou o concelho de Santarém até 1836.

<sup>27</sup> O território correspondente à antiga freguesia de Arruda dos Pisões pertencia anteriormente à freguesia de Santa Maria da Alcáçova, da vila Santarém, da qual distava 3 léguas, razão pela qual dela foi desanexada, em [1702]. A freguesia de São Gregório [Magno] de Arruda dos Pisões pertencia à Ordem de Avis de que era comendador, em 1758, o Conde de Unhão. Era vigararia de concurso, na Mesa da Consciência e Ordens, de entre frades professores da Ordem de São Bento de Avis. Disponível no endereço da URL em: <<http://digitalq.adstr.dgarq.gov.pt/details?id=1004727>>. [acedido em 25.03.2013].

<sup>28</sup> Recebeu foral de D. Sancho II. Paróquia de Nossa Senhora da Ponte de Almonda do lugar da Azinhaga, termo e comarca de Santarém, assim referida na *Memória Paroquial* de 5 de Abril de 1758. Cf. ANTT - *Dicionário Geográfico de Portugal*. vol. 5, n.º 74, p. 999 a 1006.

<sup>29</sup> Antiga paróquia de Nossa Senhora da Conceição.

A vila e o concelho de Santarém sob a invasão francesa de 1810-1811

Impactos materiais e humanos

11	Casével	Santarém
12	Chouto <sup>30</sup>	Chamusca
13	Ereira	Cartaxo
14	Monção de Benfica <sup>31</sup>	Almeirim
15	Marvila (Santa Maria de...)	Santarém
16	Outeiro da Cortiçada	Rio Maior [1836- ]
17	Pinheiro Grande	Chamusca [1561- ]
18	Pombal [⇒Pombalinho]	Golegã
19	Pontével (N.S. da Purificação)	Cartaxo
20	Póvoa dos Galegos [5.8.1673- ] [⇒ Póvoa de Santarém]	Santarém
21	Raposa	Almeirim
22	Rio Maior	Rio Maior
23	Romeira	Santarém
24	O Salvador [de Santarém]	Santarém
25	Santa Cruz da Ribeira	
26	Santa Iria [da Ribeira de Santarém]	Santarém
27	Santa Maria de Alcáçova	----
28	Santo Estêvão do Santíssimo Milagre [XII-1851] <sup>32</sup>	----
29	São João da Ribeira	Rio Maior
30	São João Evangelista de Alfange [XII-1851] <sup>33</sup>	----
31	São Julião [XII-XIX] <sup>34</sup>	-----
32	São Lourenço	----

<sup>30</sup> SILVEIRA, Luís Nuno Espinha da, coord. - *Os recenseamentos da população portuguesa de 1801 e 1849: Edição crítica*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 2001. vol. 1, p. 191.

<sup>31</sup> SILVEIRA, Luís Nuno Espinha da, coord. - *Os recenseamentos da população portuguesa de 1801 e 1849: Edição crítica*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 2001. vol. 1, p. 191.

<sup>32</sup> Paróquia extinta e integrada na de Marvila, por decisão de D. Guilherme, patriarca de Lisboa.

<sup>33</sup> Integrada na de Santa Iria.

<sup>34</sup> Integrada na freguesia de Santo Estêvão do Milagre.

33	São Martinho	-----
34	São Mateus	
35	São Nicolau	Santarém
36	São Tiago	-----
37	São Vicente de Paúl	Santarém
38	Tremês (São Tiago Maior)	Santarém
39	Valada	Cartaxo
40	Vale [de Santarém] (Nossa Senhora da Esperança)	Santarém
41	Vale da Pinta	Chamusca
42	Vale de Cavalos	Santarém
43	Vale de Figueira	Cartaxo
44	Vaqueiros	Santarém
45	Várzea	Santarém

Todavia dispomos apenas de uma ou de ambas as relações de cerca de metade das freguesias escalabitanas, em número de 23: Abitureiras, Achete, Alcanhões, Azóia de Cima, Cartaxo, Casével, Ereira, Outeiro da Cortiçada, Pombal [Pombalinho], Pontével, Póvoa dos Galegos, Romeira, Santa Iria da Ribeira de Santarém, Santo Estêvão do Santíssimo Milagre, São João Evangelista de Alfange, São Julião, São Lourenço, São Martinho, São Nicolau, Tremês, Vale [de Santarém], Vale de Figueira e Vaqueiros. Curiosamente, não dispomos de qualquer relação remetida pelos párocos das seis freguesias da margem esquerda do rio Tejo, designadamente Alpiarça (actualmente sede de município), Pinheiro Grande, Chouto e Vale de Cavalos (hoje integradas no município da Chamusca), e Monção de Benfica e Raposa (do actual município de Almeirim), muito provavelmente porque o inquérito não lhes foi dirigido, como julgamos. Da margem direita, integram actualmente o município de Rio Maior as freguesias de Arruda dos Pisões, Outeiro da Cortiçada, Rio Maior e São João da Ribeira, e o município do Cartaxo as freguesias de Cartaxo, Ereira, Pontével, Valada, Vale de Figueira e

## A vila e o concelho de Santarém sob a invasão francesa de 1810-1811

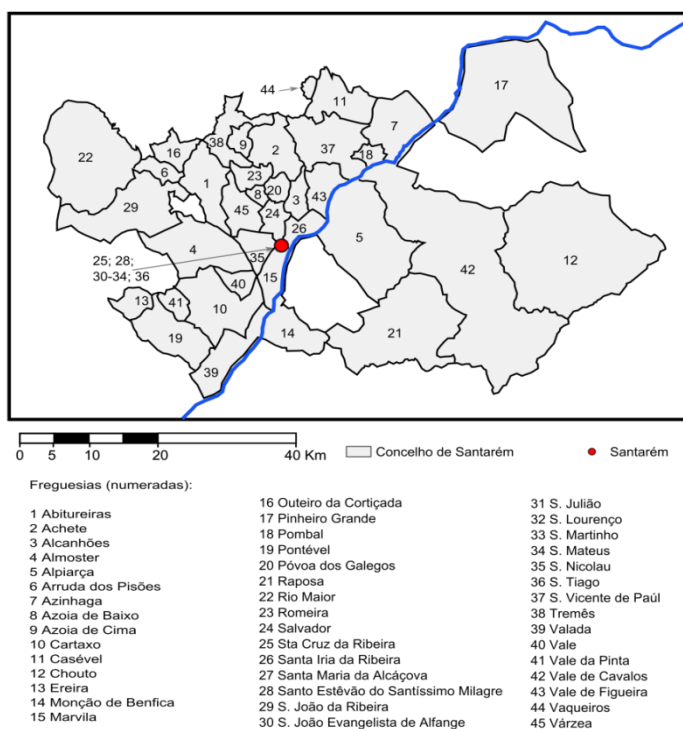
### Impactos materiais e humanos

Vale da Pinta, Azinhaga e Pombal integram o município da Golegã, criado em 21 de Novembro de 1895.

### A dimensão do concelho de Santarém em 1810-1811

Figura n.º 4

Para o cômputo do número de fogos e habitantes, os párcos socorriam-se naturalmente dos róis de confessados, referindo-se estes aos maiores e menores, homens e mulheres, ficando de fora os inocentes, isto é as crianças com idade até 7 anos, dispensados dos preceitos religiosos da Confissão e da Comunhão, pelo que os valores apresentados na tabela seguinte necessitam de ser corrigidos,



multiplicando-se, em média, cada fogo por 4,5. Todavia, nem sempre os livros existiam, nomeadamente os livros abertos, como aconteceu com o prior de Nossa Senhora da Conceição de Abitureiras. Apenas os livros findos tinham sido postos a salvo atempadamente pela maior parte dos clérigos.

### A população do concelho de Santarém e o número de mortes por freguesia

Tabela n.º 2

N.º Ordem	Nome	N.º fogos Antes da Invasão	N.º habitantes Antes da Invasão	N.º fogos Depois da Invasão	N.º habitantes depois da Invasão	N.º de Mortes
1	Abitureiras	330	c. 1.200	---	c. 1.000 <sup>35</sup>	c. 30
2	Achete	365	1380	249 (-116)	811(-350) <sup>36</sup>	33 + 186 epidemia
3	Alcanhões					1
4	Almoster (Santa Maria de...)					
5	Alpiarça					
6	Arruda dos Pisões [1702- ]					
7	Azinhaga					
8	Azoia de Baixo					
9	Azoia de					

<sup>35</sup> 27 a 30 foram mortas.

<sup>36</sup> Descontados os 219 mortos, existem alguns que servem os exércitos e outros os há dispersos (ref.<sup>as</sup> no Mapa anexo n.º 2).

A vila e o concelho de Santarém sob a invasão francesa de 1810-1811

Impactos materiais e humanos

	Cima					
10	Cartaxo					c. 12
11	Casével	125	530	110	435	3
12	Chouto <sup>37</sup>					
13	Ereira	137	430			3
14	Monção de Benfica <sup>38</sup>					
15	Marvila (Santa Maria de...)					
16	Outeiro da Cortiçada	104	361			16 + 120 fome e epidemia
17	Pinheiro Grande					
18	Pombal [⇒Pombalinho]	160	550	128	416	7
19	Pontével (N.S. da Purificação)					
20	Póvoa dos Galegos [5.8.1673- ] [⇒ Póvoa de Santarém <sup>39</sup> ]	70	261	41	166 (23 Jun. 1811)	1
21	Raposa					
22	Rio Maior					
23	Romeira	107	315	72	279	9
24	O Salvador [de Santarém]					

<sup>37</sup> SILVEIRA, Luís Nuno Espinha da, coord. - *Os recenseamentos da população portuguesa de 1801 e 1849: Edição crítica*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 2001. vol. 1, p. 191.

<sup>38</sup> IDEM - *Ibidem*. p. 191.

<sup>39</sup> Alteração do nome em 1925, por vontade do povo. RITA, Fernando Manuel da Silva - *Op. cit.* p. 32.

25	Santa Cruz da Ribeira					
26	Santa Iria [da Ribeira de Santarém]	400	1500	160	+ de 400	
27	Santa Maria de Alcáçova					
28	Santo Estêvão / do Santíssimo Milagre [XII-1851] <sup>40</sup>	160	500-600 <sup>41</sup>			0
29	São João da Ribeira					
30	São João [Evangelista de Alfange] [XII-1851] <sup>42</sup>	+160	+300 <sup>43</sup>			0
31	São Julião [XII-XIX] <sup>44</sup>	119	430 + inocentes	40	140 + crianças + 4 famílias de s/sacramento	
32	São Lourenço	30	132	13 <sup>45</sup>	52	8

<sup>40</sup> Paróquia extinta e integrada na de Marvila, por decisão de D. Guilherme, patriarca de Lisboa.

<sup>41</sup> Róis de Confessados de 1807.

<sup>42</sup> Integrada na de Santa Iria.

<sup>43</sup> «Quando em a semana santa me recolhi, só huma pequena família se achava na freguezia e de então the hoje, sendo aquelle citio pouco saudavel, ainda não morreo pessoa alguma tendo-se sacramentado quatro, sendo no dia de honte o ultimo que se acha no augmento da moléstia; e todos felizmente recuperarão saude.»

<sup>44</sup> Integrada na freguesia de Santo Estêvão do Santíssimo Milagre.

<sup>45</sup> «Por terem sido demolidas pelo inimigo as cazas da mesma freguesia que actualmente está inabitável e reduzida a hum estado que faz a maior dor pelas suas ruinas, pobreza e miseria de seus habitadores.»

A vila e o concelho de Santarém sob a invasão francesa de 1810-1811

Impactos materiais e humanos

33	São Martinho	52	c.200	5/6 <sup>46</sup>	c.12	0
34	São Mateus					
35	São Nicolau	400	1500		47	
36	São Tiago					
37	[São Vicente de] Paúl					
38	Tremês (São Tiago Maior)	219	915	123 (-96)	513 (-402) <sup>48</sup>	57 + 153 (fome) e 192 (epidemia)
39	Valada					
40	Vale [de Santarém] (Nossa Senhora da Esperança)	+150	+500	115	275+39 crianças	53
41	Vale da Pinta					
42	Vale de Cavalos					
43	Vale de Figueira	236	656	166	467 (-189)	5
44	Vaqueiros	71	219	65	167	1
45	Várzea					

<sup>46</sup> «Tudo o mais he hum monte de ruinas: nas Hortas e Cazaes está quase todo o povo e ate poucos entre eles tem falecido, e não tenho certeza senão de hum que ja era de idade muito avansada.» 14 de Maio.

<sup>47</sup> «Até ao presente ainda existe muito deminuta população, tanto por haverem falecido muitas pessoas como por se não terem recolhido e até mesmo por falta de cazas, porque hua grande parte dos edeficios ficarão destruídos, outros sem telhados e outros incendiados.».

<sup>48</sup> «Como o ponto de Tremêz lhe hera muito comodo para fornecerem as avançadas, pella serra Alcandede e Arruda até Rio Mayor, estiveram sempre aqui milhares deles, que, de tempos a tempos, se reforçavão, segundo pedião os seus crueis projetos e infrutiferas tentativas, com tropa de Santarem, ou de Pernes com a qual tinhão huma diária inteligência».

Faltam os registos paroquiais de Santa Maria de Achete e todo o arquivo da igreja de São João Baptista do Cartaxo ardeu<sup>49</sup>. O pároco da freguesia de Pombal, Manuel Alves dos Reis, refere que queimaram o arquivo, tendo ficado em suas mãos apenas os livros findos, acrescentando que queimaram todos os livros das irmandades, assim como os «livros de memorias da igreja que se achavão no archivo» da mesma. Em Santo Estêvão do Santíssimo Milagre, o prior Jerónimo Joaquim Ribeiro encontrou os cartórios da fazenda e paroquial em completa desordem: «os reverendos beneficiados diligencem encontrar alguns papéis, dando-nos o raro testemunho de que «consta se tem ido vender a Lixboa arroubas e aroubas de papel». Os únicos róis de confessados que pároco encontrou no seu regresso foram os de 1807, segundo refere na sua relação de 23 de Maio de 1811, tendo perdido quase todos os assentos<sup>50</sup>. O cónego de São João Evangelista de Alfange regista que os «inimigos consumirão todos os papeis e livros a que me podesse reportar não só de confessados mas de todos os acentos de baptizados, defuntos e cazamentos antigos e modernos, e ainda mesmo os papeis mais importantes antigos e renovados dos bens fundais, como tombo, doações e escripturas, sem que me tenha apparecido vestígio algum do cartório». Idêntica sorte teve o cartório da igreja de São Julião, sita no Pereiro, tendo ficado «perdido e destruído o tombo e os demais livros das confissões, dos óbitos, baptizados e casamentos (relações de 4 e 11 de Maio de 1811).

A análise leitura dos dados permite-nos verificar uma grande quebra da população entre, regra geral, um terço e um quarto, em Vale de Figueira, Achete, Pombal, Casével, Santa Iria e Vaqueiros, e

---

<sup>49</sup> RITA, Fernando Manuel da Silva – *Op. cit.* p. 54-55.

<sup>50</sup> Idem– *Ibidem.* p. 55.

cerca de dois terços em São Julião, metade em São Tiago Maior de Tremês, em virtude da presença de unidades da Divisão Clausel, e dois quintos na freguesia do Vale, datando o apuramento dos quantitativos maioritariamente do mês de Junho, excepto São Julião e Vale, cujo número elevado se poderá dever ao facto das respectivas relações datarem de 11 de Maio de 1811.

Em resposta à terceira questão, temos o primeiro registo de entrada do exército napoleónico no concelho a 7 de Outubro de 1810, na freguesia de Santa Maria de Achete, seguindo-se a 9 de Outubro, Abitureiras, Outeiro da Cortiçada, São João Evangelista e São Martinho, indicando os párocos, nestes dois casos, serem as datas de reconhecimento pelas forças avançadas, situação que era habitual<sup>51</sup>. Os corpos do exército invasor chegariam em massa a 10 de Outubro, ao Cartaxo e Ereira, e a 11 a Pontével, Santo Estêvão do Santíssimo Milagre, São João Evangelista de Alfange, São Lourenço, São Martinho, São Nicolau e, no dia seguinte, a Vale de Cavalos e a Vale de Figueira. Tendo chegado a Santarém, vindo de Rio Maior, compreende-se a entrada mais tardia nas freguesias a norte de Santarém, a 16 de Outubro na Póvoa dos Galegos e em Alcanhões, que, neste caso, por lapso, o pároco refere ter sido em Setembro, a não ser que tenha considerado a presença de tropas dos exércitos aliados. Nas freguesias de Vaqueiros, Casével e Pombal entraram a 18 e, dois dias depois, em São Tiago Maior de Tremês e Romeira,

---

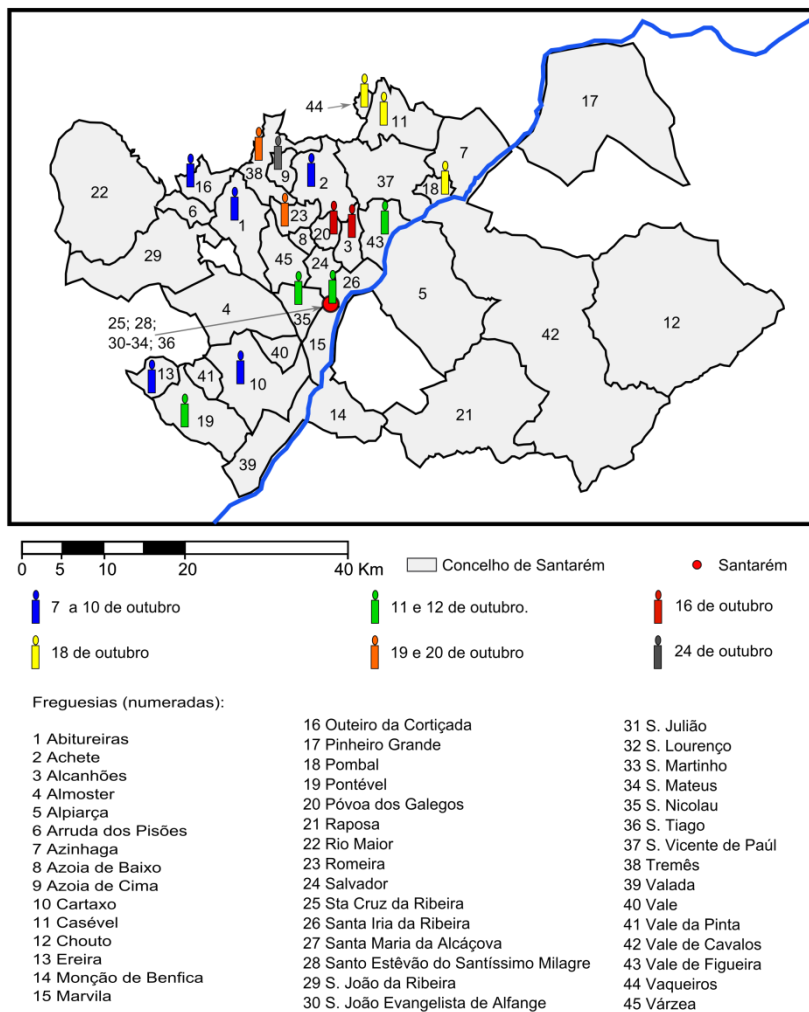
<sup>51</sup> Data que coincide com a apresentada por Fernando Manuel da Silva Rita. IDEM – *Ibidem*. p. 37.

Carlos Guardado da Silva

registrando ainda o pároco de Azóia de Cima terem entrado os exércitos na freguesia a 24 de Outubro.

### Entrada do exército invasor no concelho de Santarém

Figura n.º 5



Quanto à saída do exército invasor, excepto os párocos das freguesias de Ereira e Pontével que referiram a data de 18 de Novembro, no contexto da retirada da frente das linhas, a maioria dos clérigos considerou os dias 5 e 6 de Março, como a data da

retirada do exército instalado em concelho, sob as ordens de Reynier. O vigário encomendado do Outeiro da Cortiçada, António Pereira da Fonseca, situou a saída ao longo de todo o mês de Março, incluindo na sua relação, muito provavelmente, as movimentações militares dos exércitos aliados.

No regresso, em Março de 1811, os párocos sentiram a necessidade de garantir os direitos da Igreja, mas também dos seus fregueses, sendo o arquivo o seu garante. Assim se entende o comentário do pároco de São Martinho, na sua resposta de 4 de Maio de 1811, que então «empregado em a arrecadação do cartório», tendo «achado não poucos títulos». Os róis de confessados tinham, porém, desaparecido, como em São Nicolau, que destruíram grande parte do cartório. Em São Tiago, desapareceram os livros de assento de baptismo<sup>52</sup>. O prior João Silvério de Lima do Vale atesta que «se perdeu o que havia de Cartorio, livros de obitos, cazamentos e baptizados e confissão». O seu prior de São Julião tinha elaborado um plano para assegurar a cõngrua do pároco seu coadjutor e a fábrica da igreja, mas procurando levar os seus fregueses ao pagamento da mesma, recusavam-se a fazê-lo, pois não havia como. Na igreja de Vaqueiros, não deixaram um único livro, tal como na capela de São Cristóvão.

### **Êxodo, violência e morte**

Através das relações dos párocos, procurava conhecer-se, como refere o prior da freguesia de Santa Susana do Maxial, no termo de Torres Vedras, a «*situação da freguezia... do numero dos seus fogos e pessoas, antes da invazão dos inimigos no anno de mil e oitocentos e*

---

<sup>52</sup> Idem – *Ibidem*. p. 54

*dez e do numero das suas irmidas, das profanações, dezacatos, roubos e violencias que nellas e em toda a freguezia cometterão os mesmos inimigos»<sup>53</sup>.*

Independentemente da mão que escreve, a maior parte das relações testemunha o êxodo das populações, quer para a margem esquerda do Tejo, quer para o interior da Linhas, suspendendo-se a organização da vida comunitária, quer concelhia, quer paroquial<sup>54</sup>. Os seus protagonistas acompanharam também a fuga das demais gentes, que ocorreu maioritariamente entre os dias 3 e 7 de Outubro<sup>55</sup>, no cumprimento da Política da Terra Queimada, que exigia a desertificação do território e a destruição dos víveres e alimentos que não pudessem transportar consigo. Para trás, em suas casas, ficaram aqueles a quem as condições físicas não permitiam fugir, nomeadamente idosos, entrevados e doentes, na espera da benevolência do exército invasor, temendo, porém, a antecipação do momento da morte. Na verdade, o seu débil estado de saúde não lhes era certamente favorável, mas também a falta de tempo e de transportes, para além da teimosia ou de um mau cálculo face aos perigos que se avizinhavam.

António Paulo Pereira Baptista, pároco da freguesia de Abitureiras, refere que desde «o primeiro dia da sua entrada athe o

---

<sup>53</sup> MNA - Documentos para o estudo da época da Guerra Peninsular: Relação da paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Abitureiras. 1811, Abril 99. Prior José Cypriano do Valle Salema.

<sup>54</sup> CONCEIÇÃO, Cláudio da - Memória do que aconteceu ao Santo Milagre de Santarém pela invasão dos francezes naquela vila em o mez de Outubro de 1810. Lisboa: Impressão Régia, 1811. p. 16.

<sup>55</sup> RITA, Fernando Manuel da Silva - *Op. cit.* p. 60 e ss.

ultimo da sua assistência nada mais fizeram do que roubar, matar e deshonrrar a quantas pessoas a occasião lhe offerencia». Em Santa Maria de Achete, para além das já referidas mortes, explica o Vigário encomendado Manuel dos Reis Santos Monteiro «entre as violências que os malvados e brutaes inimigos fizeram, dando fortes pancadas nos paizanos, que incontravam e obrigavam ao seu serviço, temos para muito sentir as mortes e ferimentos que fizeram no grande numero de indivíduos... Horroriza, porem, que a sangue frio não só matassem, mas queimassem mulher e o semvivo seu marido juntamente. Em tal tormento gritou elle ao decrépito pay o acabasse de mattar; negou-se o pay, porque o amava. E que horror!». Violência física que o cura de Alcanhões atesta, onde «derão muitas pancadas em seis pessoas de que ficarão muito molestadas».

No Outeiro da Cortiçada, deram «muitas cotiladas e maos tratamentos que lhe fizeram, fazendo-lhes acarretar as costas todos os viveres para onde tinhão o maior corpo do exercito», acrescentando o vigário encomendado António Pereira da Fonseca «tambem forão prezoneiras delles inimigos algumas mulheres de todo e qualquer estado e forão tratadas por elles com crueldade que até matarão algumas». Em Pontével, escreve o religioso de São Francisco, Frei Leonardo dos Prazeres, «todos os homens que podião agarrar nesta freguezia os fazião hir carregados com mantimentos e mais roubos para o Corpo do seu exercito, e pello caminho lhe hião batendo planxadas e bardascadas, dizendo lhe em desprezo, falando-lhe claramente, tangendo-as, dizendo-lhe = Gimento de Francez; ha outros dando-lhe muntas pancadas aviolentadas que lhe desem de larjam<sup>56</sup> se não os matavam».

---

<sup>56</sup> Dinheiro.

As mulheres foram naturalmente alvos “fáceis” dos soldados franceses, vítimas de violência e estupro, independentemente da sua idade, como refere o pároco de Nossa Senhora da Conceição de Abitureiras: «huma de oitenta ou mais anos» foi objecto da sua «horrenda lascívia e depravação; maldades praticadas com outras ainda da mesma idade; outras que apenas contavão doze annos». Que a idade não era sequer um critério para a atenuação dos seus hediondos crimes, testemunham-mo o prior de Santa Maria de Achete: «O sexo femenino foi desgraçado: não os embaraçava a idade nem como os outros homens os attrahião os dotes da natureza: de 80 até cem annos soffrerão o, e servirão para fartar seu brutal appetite», bem como Frei Leonardo dos Prazeres, pároco de Nossa Senhora dos Prazeres de Pontével: quanto ao sexo feminino, «princepiando por nove annos até a ultima idade, que certamente excedeo, alem dos desgraçados que todos forão violentados e por grande quantidade dos inimigos comunz».

Bem mais extenso foi o padre de São João Baptista do Cartaxo, na sua relação de 18 Junho 1811, que descreveu a violência imposta às mulheres: «Mas o que excede toda a barbaridade o que se não pode ouvir, nem imaginar sem grande espanto e horror he o que o fraco sexo femenino soffreo destes monstros da humanidade. Elles não perdoarão nem à mais tenra idade nem a velhas de mais de setenta e oitenta annos, algumas andavão mendigando pelas ruas objectos em tudo dignos de compaixão, e parece incrível que podem excitar appetites venéreos em quem as visse; mas nem a estas perdoarão aquelles homens brutaes, assim como não perdoarão a muitas, que acharão gravemente doentes e entravadas. Muitas que poderão fugir, andarão dias e noites metidas pelas brenhas e pelos ribeiros, sustentando-se de alguns figos e bagos de uvas, e nem ali mesmo escapavão porque elles por toda a parte as

procuravão e perseguição como quem faz huma montaria. Sei que algumas dezarão muitas vezes a morte e até forão tentadas ao suicidio por não poderem já soffrer as muitas e repetidas brutalidades de tantos verdugos. Faz horror so o ouvir contar que muitos maridos, muitos paes e mães e irmãos forão obrigados a ser mudos e pacíficos espectadores das violencias e ultrajes feitos a suas proprias mulheres, filhas e irmãs. Sabe-se que desta terra levarão à força quatro desgraçadas raparigas todas donzelas e na flor da sua idade. De huma ouço dizer que foi dar a Lisboa e que o pai a foi ali buscar, das outras tres não me consta que haja noticia». Também relevante, neste aspecto, é o testemunho de Francisco de Sousa Raposo, cura da freguesia da Ereira: «As mulheres, muitas forão violentadas e defloradas, todas porem perseguidas; e tanto que se não pode expressar quanto padecerão vinte e tantos dias, principalmente pelas montanhas, já pelo rigor da estação e pezadas chuvas, já pela nudez, fome e sustos com que o inimigo as punha noite e dia, não sabia os pais dos filhos, nem os maridos das mulheres, pois todos estavam entre a mesma tortura. Graças por todo Nosso Bom Deus que a defloração aqui não foi tão geral, como me dizem d’outras freguesias. Veyo hum furriel, com certa patrulha de soldados da sua escolha para esta aldea, no fim dos vinte e tantos dias ditos usar d’hum moinho de vento, que nella há, e fazer assento para a Devizão d’Ota; fez que o povo disperso se recolhesse à terra, e as mulheres todas a huma caza, que na verdade foi hum puro conservatório, e não hum infame cerralho, alem de que velhas e moças, famílias inteiras, por huma providencia visivelmente particular, escaparão à negra torpeza. Forão sim perseguidíssimos em todo o tempo, que os cruéis por aqui andarão assim homens como mulheres, da fome, do frio, das jornadas, das fadigas, das ameaças, das pancadas da mesma morte com que a cada momento os fazião lutar.».

Em Pombal, «violentarão seis ou cinco mulheres de diferentes estados», como «forçarão varias mulheres de todos os estados» na Póvoa dos Galegos.

O prior de São Tiago Maior de Tremês deixou-nos o que podemos considerar uma síntese destas violências para com o género feminino: «todas quantas não poderão fugir, pella rapidez com que forão cercadas e por eles surpreendidas, vierão a ser pasto do seu brutal apetite; sem que respeitassem a maior e decrepita idade, nem se condoessem da menor, que banhadas em lagrimas lhe pedião não violassem a sua honra; tudo, tudo acharão próprio para uzarem a sua feroz desonestidade. Os zellozos maridos não podendo repelir a força e dezaforo, entregues a huma total dezasperação, herão obrigados a serem oculares testemunhas da sua propria afronta. Os ternos e honrados pays, vendo suas inocentes e viçosas filhas nos braços dos tiranos com immenças lagrimas e suspiros, sua desgraçada sorte e aborrecível existência, supplicavão ao Ceo finalizasse ja seus tristes diaz. Os extremozos filhos, vendo seus velhos pays acabar as cançadas vidas aos golpes de afiadas, traçadas e mortíferas ballas, dezejavão com ancia a morte para hirem fazer companhia na Eternidade a seus carinhosos pays; mas que cruel aflicção eles não sentião, vendo insepultos seus defuntos progenitores, e que estes herão devorados por rebustos caens, que os tiranos comsigo traziam e sendo muitos os cadáveres, que estavam espalhados por estas desgraçadas povoaçoes, não herão, de todo, consumidos pelos avidos caens e, portanto, a cada passo se encontravam avocanhados restos da desolada Homanidade, sem que estas horrorosas vistas fizessem a mais piquena compunção aos authores de tão inauditas barbaridades.».

Em suma, nas palavras do pároco do Vale, todas «violencias contra a publica honestidade», quando, no remate de Frei José Antunes Branco, prior de Casével, «ultrajarão todas as mulheres que apanharão», sendo secundado pelo pároco de Vaqueiros, Frei José Antunes Branco.

Outros, porém, foram vítimas da pena capital. O prior de Nossa Senhora da Conceição de Abitureiras, António Paulo Ferreira Baptista, refere que 27 a 30 pessoas foram mortas «... pelos pérfidos, que não perdoarão a homens velhos e miseraveis a quem as suas moléstias e idade ambaraçou a fugida: mulheres que se achavão no mesmo estado: huma de oitenta ou mais annos, tendo o primeiro sido objecto de sua horrenda lascívia e depravação; maldades praticadas com outras ainda da mesma idade; outras que apenas contavão doze annos». «Houve dia em que matavão quantos paizanos encontravão, chegando ao Joaninho lugar da minha freguezia encontrarão em hum lagar de azeite sinco homens a todos tirarão a vida»<sup>57</sup>.

Em Santa Maria de Achete, mataram 20 homens e 13 mulheres, a que somavam 186 mortes, apenas no ano de 1810, devido à epidemia. Em Alcanhões, «Matarão hum homem que lhe fugia»<sup>58</sup>. Em Casével, mataram três homens, refere o vigário da igreja de Santa Maria, Frei José Antunes Branco, na sua relação de 17 de Junho de 1811, acrescentando «e eu me recolhi no dia 23 do dito pervenido de que era necessário para administrar os sacramentos que comessei administrar no dia 24 de Março e todo o Abril athe outto de Maio por toda a minha freguesia espalhada em cazais pella circumferencia de coaize três legoas com tanta fercuencia que apenas

---

<sup>57</sup> MNA - Documentos para o estudo da época da Guerra Peninsular: Relação da paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Abitureiras. 1811, Junho 9.

<sup>58</sup> MNA - Documentos para o estudo da época da Guerra Peninsular: Relação da paróquia de Santa Maria de Achete. 1811, Agosto 10.

me deichavão tempo para rezar e comer algumas ervas e sepultar os mortos, que tive dia de cinco e seis»<sup>59</sup>.

No Cartaxo, a descrição do pároco António Teixeira Leitão é apocalíptica: «huma defunta, que morreo na occasião da fugida, e que já não pôde ser enterrada na igreja, foi sepultada em hum terreno à sahida do lugar; como virão a terra bolido entenderão que ali estava algum thesouro escondido, cavarão, deram com o cadáver e o deixarão desenterrado.... Alem de todos estes males e perdas padecerão alguns a maior de todas, que he a da propria vida. Conto huns onze ou doze destes infelizes mortos cruelmente ou a tiro ou à ponta da espada; entre estes he digna de particular consideração huma creança de poucos mezes; levarão à força a infeliz mãe para abuzarem della e quando voltou achou o filhinho no berço com o nariz cortado e nadando em sangue. Outros, muitos, assim homens como mulheres, vierão a morrer em consequência das feridas, pancadas, violencias, e maos tratos, que daquelles barbaros receberão. Apenas encontravão algum infeliz, corrião a elle pedindo dinheiro, dando-lhe pancadas e ameaçando-o com a morte, e a muitos chegarão a ferir gravemente, somente porque lhes não apresentavão logo o dinheiro e o mais que elles querião. A outros obrigavão da mesma forma a que lhes fossem mostrar pessoas ricas ou onde estava dinheiro ou mulheres escondidas. A outros, finalmente, depois de os terem despido, os obrigavão a que andassem assim quasi nuz e descalços a conduzir quartas e odres de

---

<sup>59</sup> MNA - Documentos para o estudo da época da Guerra Peninsular: Relação da paróquia de Santa Maria de Casével. 1811, Junho 17.

vinho e outras coisas, padecendo nisto grandes fomes e fadigas de que muitos vierão a morrer»<sup>60</sup>.

Na paróquia do Divino Espírito Santo da Ereira, ao 6.º quesito, respondeu o cura Francisco de Sousa Raposo «matarão assassinando, na Lapa, três homens, cazados todos: Joze Vieira com hum sacho, com que sahio; Manoel Paschoal a tiro de pistola, por não dar dinheiro; Francisco Coelho, leprozo, por não poder andar e carregar o que eles querião conduzir ao Quartel, foi este miserável cortado a golpes d'espada, e até lhe arrancarão as orelhas, vivo: era há muitos anos hum objecto enfadonho, no mesmo tempo que lamentável por muito elefântico, chagado e fétido hum impio, hum rude cafre teria delle compaixão, mas não a teve hum francês, e não espanta porque he o aborto da humanidade»<sup>61</sup>.

O vigário encomendado de Nossa Senhora da Ribeira do Outeiro da Cortiçada, António Pereira da Fonseca, registou 16 mortes e mais de duas dezenas quase mortas «a poder de cotiladas e mãos tratos que lhe fizirão e alguns lhe cortarão os membros con crueldade». A estas adicionou mais 120 mortes, em pouco mais de dois meses, entre 2 de Abril e 12 de Junho, acrescentando o pároco «espirando à fome, outros sem meios de poderem chamar medico ou serurgião nem remédios de Botica para se socorerem nas molestias e empedemias que graçaõ nesta minha freguesia...», porque, achando-se «doentes, sem meios alguns de chamarem medico, serurgião, nem com que comprem remedios motivo porque graçaõ as epedemias e vão em aumento cada ves mais e tudo vai acabar». Algumas destas mortes eram de mulheres, um alvo apeteçível dos soldados

---

<sup>60</sup> MNA - Documentos para o estudo da época da Guerra Peninsular: Relação da paróquia de São João Batista do Cartaxo. 1811, Junho 18.

<sup>61</sup> MNA - Documentos para o estudo da época da Guerra Peninsular: Relação da paróquia do Divino Espírito Santo da Ereira. 1811, Junho 2.

franceses: «tambem forão prezioneiras delles inimigos algumas mulheres de todo e qualquer estado e forão tratadas por elles com crueldade», que acabariam por não suportar a violência que lhes foi infligida<sup>62</sup>.

Em Pombal, informa-nos o pároco de Santa Cruz, Manuel Alves dos Reis, que enforcaram dois homens, «porque não encontrarão mais», e outros cinco homens acabariam por morrer devido a espancamento pelos soldados franceses<sup>63</sup>. Curiosa é a nota, e não é caso único, do cura Alexandre Ferreira da Silva, da paróquia de Nossa Senhora da Luz da Póvoa dos Galegos, em resposta ao «artigo 6.º. Não matarão aqui pesoa alguma, so derão algumas pancadas de cujas hum logo pouco depois dellas morreo»<sup>64</sup>. Em São Brás da Romeira, mataram, logo na entrada, quatro pessoas «de tiro de bala e outros mais ficarão feridos e mal tratados que forão morrer a outros destritos; mataram um homem na serra, que levava um cofre»<sup>65</sup>.

Oito mortes em São Lourenço, porém todos «fallecerão de diversas mollestias produzidas pella privação e pobreza que se augmentou com a presença dos inimigos»<sup>66</sup>. Temendo eles que os paisanos lhe rezestissem, matavam quantos incontravão. Para São

---

<sup>62</sup> MNA - Documentos para o estudo da época da Guerra Peninsular: Relação da paróquia de Nossa Senhora da Ribeira do Outeiro da Cortiçada. 1811, Junho 10.

<sup>63</sup> MNA - Documentos para o estudo da época da Guerra Peninsular: Relação da paróquia de Santa Cruz de Pombal. 1811, Junho 18.

<sup>64</sup> MNA - Documentos para o estudo da época da Guerra Peninsular: Relação da paróquia de Nossa Senhora da Luz da Póvoa dos Galegos. 1811, Junho 23. Cura Alexandre Ferreira da Silva.

<sup>65</sup> MNA - Documentos para o estudo da época da Guerra Peninsular: Relação da paróquia de São Brás da Romeira. 1811, Julho 11.

<sup>66</sup> MNA - Documentos para o estudo da época da Guerra Peninsular: Relação da paróquia de São Lourenço. 1811, Maio 13.

Tiago Maior de Tremês, registou o prior Manuel Caetano Rodrigues da Fontoura e Mello 57 mortes, «pella tirania dos Francezes», 153 devido ao cansaço e à miséria das pessoas, e 192 «pella doença e desamparo»<sup>67</sup>.

53 mortes sofreu a população da freguesia de Nossa Senhora da Esperança do Vale, segundo o prior João Silvério de Lima, algumas delas tendo como causa violações<sup>68</sup>. Em São Domingos de Vale de Figueira, morrerão às mãos dos inimigos cinco pessoas, «trez queimadas porque se axavão doentes de cama e lhe deitarão fogo à habitação, e duas às cutiladas». Por último, relata José Antunes Branco, cura da igreja do Divino Espírito Santo de Vaqueiros, filial anexa da igreja de Santa Maria de Casével, mataram um homem na freguesia<sup>69</sup>.

O cônego Francisco Félix de Mendonça Fialho, vigário de São João Evangelista de Alfange de Santarém, explica na sua relação, de 12 de Maio de 1811, a razão da ausência de mortes no território da sua freguesia: «como todo o povo desta minha freguesia evacuou antes da entrada do inimigo, nenhum fregues, home ou mulher, teve que sofrer mortes ou injuria que aquelle custuma praticar»<sup>70</sup>. Idêntico argumento aduziu o prior Carlos da Silva Machado, de São Martinho: «não morrerão muitos e tenho noticia que existem dispersos, parte, e que outra parte procurou outras habitações nesta villa. Não me consta que os Francezes matassem algum dos meus

---

<sup>67</sup> MNA - Documentos para o estudo da época da Guerra Peninsular: Relação da paróquia de São Tiago Maior de Tremês. 1811, Julho 28.

<sup>68</sup> MNA - Documentos para o estudo da época da Guerra Peninsular: Relação da paróquia de Nossa Senhora da Esperança do Vale. 1811, Maio 11.

<sup>69</sup> MNA - Documentos para o estudo da época da Guerra Peninsular: Relação da paróquia do Divino Espírito Santo de Vaqueiros. 1811, junho, 19.

<sup>70</sup> MNA - Documentos para o estudo da época da Guerra Peninsular: Relação da paróquia de São João Evangelista de Alfange. 1811, Maio 12.

freguezes, nem o podião fazer em a villa, porque a minha freguesia ficou dezerta»<sup>71</sup>.

Nem todos os párocos respondem ao número de fogos e de pessoas que cada freguesia tinha antes da *invasão francesa*, sendo escassas as informações relativamente aos impactos demográficos provocados pelo acontecimento. Os próprios dados demográficos, sempre retirados dos róis de confessados incluem apenas as *peessoas de sacramento*, excluindo os inocentes, isto é as crianças em idade inferior a sete anos, como refere o prior João Silvério de Lima, de São Julião, na sua relação datada de 11 de Maio de 1811.

E não nos fornecem tampouco o número de mortos causados, difícil de obter por quem vivia há pouco tempo na paróquia, obrigado a regressar na sequência do Edital do Patriarca Eleito, de 14 de Março de 1811, quando muitas das casas ainda se encontravam destruídas e vazias, por morte ou ausência dos seus proprietários a residir ainda na margem esquerda do Tejo ou no interior da 1.<sup>a</sup> Linha de defesa, que se encerrou após a entrada dos exércitos anglo-lusos<sup>72</sup>, provavelmente a 9 de Outubro de 1810.

Todavia, temos, fruto das causas directas e indirectas da guerra, um número de 229 mortes, resultantes da violência, não dispondo, porém, de valores para todas as freguesias<sup>73</sup> e recorrendo

---

<sup>71</sup> MNA - Documentos para o estudo da época da Guerra Peninsular: Relação da paróquia de São Martinho. 1811, Maio 14.

<sup>72</sup> Cf. MNA - Documentos para o estudo da época da Guerra Peninsular: Relação da paróquia de São João dos Montes. Bartolomeu José Pereira, em resposta ao 6.<sup>o</sup> requisito, de 22 de Março de 1811, referia: «esta igreja foi roubada de linho e parte dos ornamentos de ceda e todo o mais ornato que a rapidez do inimigo não deo lugar a poder salvar antes de se fechar a Linha...».

<sup>73</sup> Cf. Tabela n.<sup>o</sup> 2.

apenas à informação dos párocos, que era escassa, quando muitos deles tinham chegado dois ou três meses antes. Outros, porém, estavam na freguesia pela primeira vez, substituindo o pároco antecessor a quem a morte também ceifava vidas, como aconteceu em Pontével, onde faleceram o prior e o cura «na invazão dos Francezes».

Um número idêntico ao das mortes por violência que encontramos na região da 1.<sup>a</sup> Linha, que ascende a duas dezenas, por arma de fogo, enforcamento, pancada, tortura ou fome. Um número talvez baixo para a realidade de então, mas relevante, se tivermos em conta a deslocação das populações para o interior da 1.<sup>a</sup> Linha de defesa, assim como para a margem esquerda do rio Tejo.

Este é, no entanto, um número insuficiente se atendermos aos dados fornecidos pelos clérigos de Santa Maria de Achete, que regista 186 mortes por epidemia, de Outeiro da Cortiçada, que regista 120 mortes devido a fome e epidemia, e São Tiago Maior de Tremês, freguesia onde se instalaram unidades da Divisão Clausel<sup>74</sup>, com 153 mortes por fome e 192 por epidemia. Pois foram diversas as causas de morte no contexto da guerra, apesar de não se encontrarem em campanha. Mas morria-se muito mais facilmente de fome, que antecipava nos corpos a chegada das doenças. Fome experimentada por quem permaneceu em casa, onde o abastecimento inglês ou a entreatjada popular não chegava. Fomes e epidemias que justificam por si mesmas as causas do maior número de mortes, quer na população portuguesa, quer entre militares<sup>75</sup>.

---

<sup>74</sup> RITA, Fernando Manuel da Silva – *Op. cit.* p. 89.

<sup>75</sup> Neste aspecto, não corroboramos a tese de Fernando Manuel da Silva Rita de que «o confronto entre os exércitos foi a principal causa da mortalidade entre os militares». RITA, Fernando Manuel da Silva – *Op. cit.* p. 70.

Entre finais de 1810 e inícios de 1811 grassou uma grande epidemia que, encontrando os corpos debilitados, dizimou parte da população, de modo avassalador. Estávamos perante um surto de tifo, que deflagrou em Lisboa em finais de 1810, e que permaneceu Novembro de 1811<sup>76</sup>, sobrevivente em climas frios, propagando-se em áreas densamente habitadas, com más condições de higiene e por circunstâncias acidentais *ocasionadas pelas campanhas com os francezes*<sup>77</sup>. Os homens de Massena foram atacados de tifo ou *febres malinas*, que propagaram à população civil<sup>78</sup>.

Os próprios médicos e os medicamentos também escasseavam, como refere Manoel Reis Santos Monteiro, na sua relação de 11 de Maio de 1811. Por esta razão, solicitava o vigário encomendado a remessa de determinados remédios para o tratamento dos doentes: «tartaro emético<sup>79</sup> – preparado; quina optima<sup>80</sup> – em casca e em po; sevada da terra; maça caustica<sup>81</sup>; unguento bazalicao<sup>82</sup> e raspa de viado», porque «muitos diariamente adoecem e porque encontro os cazados na mesma cama doentes, os

---

<sup>76</sup> IDEM - *Ibidem*. p. 77.

<sup>77</sup> RODRIGUES, Teresa - *Lisboa no século XIX: Dinâmica populacional e crises de mortalidade*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1993. p. 382. [Provas de Doutoramento em História Económica e Social dos Séculos XIX e XX apresentadas à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa].

<sup>78</sup> IDEM - *Ibidem*. p. 383.

<sup>79</sup> Ainda hoje é utilizado em medicamentos homeopáticos para combater constipações e infecções pulmonares.

<sup>80</sup> Existem vários preparados anti-piréticos que referem utilização de quina em pó como ingrediente por vezes principal, de que é exemplo a água de Inglaterra.

<sup>81</sup> Os egípcios já usavam a soda cáustica para fabricar tipos primitivos de sabão.

<sup>82</sup> Pode tratar-se de um óleo feito à base de manjeriço (*basilicum*) que era utilizado pelas propriedades analgésicas, anti-piréticas (febre) e anti-sépticas.

filhos sobre huma arca que escapou; outros em palha sobre o cham e em lages; e todos sem hum perito, sem remedio, sem sustento, sem nada a maior parte porque são pobríssimos...». São, na sua maioria, produtos antipiréticos e analgésicos, destinados à cura das maleitas de inverno, nomeadamente febres e constipações.

### **Roubo, destruição e incêndio**

Para além das violências infligidas directamente às pessoas mais desprotegidas que se viram obrigadas a permanecer em suas casas, impedidas que estavam de fugir, as que procuraram cumprir a ordem do então Visconde de Wellington também não se viram libertas do jugo francês. Como se não fosse suficiente verem-se obrigadas a sair de suas habitações e a destruírem os bens que, arrecadados nas adegas e nos celeiros, lhes permitiriam a subsistência durante todo o ano, confrontaram-se, no regresso, com as casas despojadas de tudo o que nelas havia e destruídas.

Em Santa Maria de Achete, destruíram móveis e roupas, tendo ficado 50 casas inabitáveis. O cura da Póvoa dos Galegos, Alexandre Ferreira da Silva, por impedimento do então pároco de Santa Marta de Alcanhões, deixou-nos uma descrição magistral e apocalíptica, feita em 23 de Junho de 1811, dos impactos materiais da invasão francesa de 1810-1811: «sem se retirarem daqui de todo, dando volta a todas as cazas, comendo, estruindo e levando quanto querião e podião, derão deste modo fim a todo o trigo, milho, ligumes, vinhos e azeites, não deixando ficar neste lugar comestivo algum; do lugar da igreja ja para baixo foi mais considerável a perda, porque queimarão todas as vazilhas, lagariças de pao e despejos, ficando so nestas grandes adegas a cinza dos tonéis e alguns arcos e muitos

destes elles mesmo os conduzirão para Santarem; não deixando porta alguma fexada e muito menos inteira, descobrirão todas as cazas imtaipadas e as roubarão habitando ali huma porção de gente com cavalaria, que tinhão nas milhores cazas; cavarão em muitas cazas, descobrirão muitas couzas ocultas».

No Cartaxo, também destruíram a maior parte das adegas, «toda a qualidade de vazilhas e ate os proprios lagares», prejuízo sofrido de modo particular pela sua população, uma vez que, como acrescenta António Teixeira Leitão, «o principal negocio da gente do Cartaxo he o vinho».

No Outeiro da Cortiçada, «arombarão portas e queimarão duas moradas de cazas con todos os movens que tinhão dentro, roubarão por toda a freguezia todos os viveres que achavão de pão, vinho e azeite, legumes, fazendo conduzir huns para o exercito e outros arofando-os pellas ruas, arombando toneis e potes de azeite, derramando tudo pellas adegas e almazens. Entrarão em todas as cazas arombando portas e despedaçando janellas, queimando e despedaçando todos os movens que ornavão as mesmas cazas, roubarão roupas, fazendo fogueiras das mesmas roupas, queimando tonéis e tudo quanto achavão, espoliarão alguns freguezes de algum dinheiro que tinhão fazendo-lhe violência, ameaçando-os com a morte e pondo-os en tortura para lhe encinar as couzas que estavam escondidas, o que tudo foi achado pella industria delles ainda mesmo o que estava enterrado nas partes mais ocultas, ficando esta

freguezia reduzida a huma pobreza total, destruídas as cazas com todos os seus movens...»<sup>83</sup>.

Na Póvoa dos Galegos, refere o cura Alexandre Ferreira da Silva, «continuarão as tropas a passar e a habitar já nestas cazas já em aquellas, em todas estruindo tudo e comendo, e no fim levando quanto podião e querião a estes, seguindo-se mais athe se retirarem e athe levarem tudo e queimarem tudo que nas cazas havia, athe o próprio solho, sendo a destruição maior deste lugar nascida de estar em estrada publica. Comerão e conduzirão e derão e venderão e derão cabo de todo o pão, legumes, azeites e vinhos que neste lugar havia e athe as borras do mesmo vinho destilarão e consumirão. Não escapou nem agua pe, nem o vinagre, e athe quantas vazilhas acharão pequenas levarão. Quebrarão quazi todos os pottes e talhas, reduzirão a cinzas muitas vazilhas e despejos de vinho, ficando so alguns arcos, e ainda estes alguns conduzirão em carretos para onde lhe agradava e dos que ficarão de muito poucos se utilizarão seos donos, por acharem quem os tirase, guardase e vendesse. Não ficou porta que não fosse quebrada e quasi todas queimadas; não ficou caza que não fosse observado o telhado e partido; não escapou caza alguma entaipada que não fosse descuberta e roubada, fizerão grande e mais continuada habitação nos moinhos e lagares de azeite, onde moerão e remoerão milhos e trigos e os cozião nos fornos, com os trastes das cazas mais vizinhas, e athe com as mesmas roupas, e quando se retirarão, lançarão fogo a quazi todos estes engenhos, cavavão em quazi todas as cazas e levavão os dinheiros e roupas, pratas e oiro que achavão escondido, derão pancadas em algumas pessoas das quaes huma ja morreo, destelharão muitas cazas e

---

<sup>83</sup> Resposta à 2.<sup>a</sup> ordem, também datada de 10 de Junho de 1811. MNA - Documentos para o estudo da época da Guerra Peninsular: Relação da paróquia de Outeiro da Cortiçada.

lançarão fogo a huma, que ardeo toda e a todas arruinarão. A igreja a deixarão nua sem paramentos nem ornatos nem imagens, so deixarão intacto hum crucifixo grande, abrirão sepulturas, destruirão os altares, e tudo que nella havia pertencente aos sagrados cultos ficou inteiramente arruinado».

Também os meios de transformação, como os moinhos e azenhas, lagares de vinho e azeite, foram objecto de idêntica destruição, como sucedeu na freguesia da Romeira: «no dia 23 de Novembro, vierão outras de pe e dragoens, que deixarão os moinhos, tanto de vento, como azanhas todos espedaçados; os de vento porque os deixavão com as velas largas aos temporaes. Se lhas rasgavão, as mesmas se quebravão as cordas e braças e se aroinavão todas por dentro do imgenho, as azanhas arancando-lhes os rodízios e tirando-lhes as pedras dos seos lugares como vi a muitos ficarão estruidos; emquanto à adegas, queimando tonéis e outros lançando-os de outeiros abaixo se arroinavão e estruindo tudo mais que pertence a este genero, nos armazens quebrando os potes, talhas e tudo mais que pertence a este genero, como tarefas de lagares d'azeite aricando varas dos mesmos para lhe voltarem os pezos arancando as taboas do emgenhos e espedaçando as mais miudezas que naquelas cazas costumão haver como mididas e mais louças».

Muitos outros testemunhos de casas destruídas nos são relatados pelos diversos párocos, designadamente Frei José Antunes Branco, de Santa Maria de Casével e Frei Jerónimo Joaquim Ribeiro, onde, nesta freguesia, a maior parte das casas encontravam-se assoladas e reduzidas a montes de ruínas ainda em finais de Maio, razão por que eram poucos os habitantes aí residentes, sobretudo no espaço intramuros. Na freguesia de São Julião, referia o prior João Silvério de Lima, em inícios de Maio de 1811, que a freguesia

dispunha apenas de quarenta a quarenta e quatro fogos, porque todas as demais casas se encontravam inabitáveis ou inteiramente demolidas, fim a que não escaparam os celeiros. Uma situação difícil, quando ainda não estavam reparadas as ruínas causadas pelo terramoto de 1 de novembro de 1755, passado mais de meio século<sup>84</sup>.

O prior de São Martinho dá-nos uma extensa descrição do estado da sua freguesia: «fui eximinar e correr a freguesia e so vi hum monte de ruinas; de todos os fogos so existem sinco cazas que estejam de alguma sorte habitáveis, que são as do dezembargador Faustino Joze Lopes Nogueira, dos herdeiros de D. Maria Constança, de Joze Joaquim da Silva, do Illustrissimo Joze de Quintal, as quaes ainda que tenham bastantes estragos, facilmente se reparão; e para ser exacto no que digo e observei, também existem duas piquenas cazas, humas de Joze Faustino, outras onde assistia Joze Bernardes, que ainda que sofrerão ruinas, também não são consideráveis. Todas as mais habitações estão ou totalmente ou quase alagadas e perdidas. ...Existe porem em as Hortas e Cazaes quase o mesmo numero de pessoas que antes havia; e ainda que morrerão de doenças, seis ou sete pessoas forão substituídas por outras que vierão de diferentes lugares, e ate mesmo as cazas não sofrerão muitos estragos e estão quase no mesmo estado, em que antes estavam, a excepção de dois, que são o Casal de Raquellas e do Rocio. Por tal, na villa he que se cometerão maiores excessos de maldade em a minha freguesia, por ora não há nella povoação; e nos arrabaldes extra muros não foi tão excessiva a barbaridade dos inimigos e está a povoação quase no mesmo estado em que estava».

---

<sup>84</sup> MNA - Documentos para o estudo da época da Guerra Peninsular: Relação da paróquia de São Julião. 1811, Maio 4.

Manuel Caetano Rodrigues da Fontoura e Mello oferece-nos uma síntese dos estragos em São Tiago de Tremês: «a freguesia foi teatro da desolação, roubo e carnagem. Os templos roubados e demolidos; as cazas saqueadas, incendiadas e destruídas: Os campos talhados: as arvores cortadas e lançadas as chamas... devizão-se somente montes desordenados de pedra e telhas esmagadas. Esta povoação e as anexas da freguesia parecem campos desertos e montes de ruínas. Não ficou nellas propriedade alguma que não padecesse huma total ruína, e as poucas que não forão de todo demolidas, ficarão humas sem tetos, outras sem sobrados, e todas sem portas nem janelas, de sorte que eu e os poucos parochianos que me restão, nos nove lugares e três cazaes de que se compõem esta freguesia, vivem expostos a imclemencia dos tempos, servindo-lhe de abrigo esteiras velhas de tabua e junco; as camas em que descansão seus deveis e emfermos corpos, he huma pouca de erva seca lançada sobre a terra».

Em Vaqueiros, «distruirão algumas cazas, roubarão todos os frutos e gados de toda a especie e todos os movens, e os que não levavão ou quebravão ou resgavão de forma que os meos desgraçados freguezes estão morrendo de fome».

Na margem esquerda do Tejo não houve «estrago algum porque o inimigo não passou o Tejo», referia o cónego de São João Evangelista de Alfange. Todavia, «na saída do inimigo, nem huma caza ficou habitável nem couza de que se pudessem utilizar seus donos só cim de paredes e alguns telhados....».

Ao despojamento das habitações, somaram-se outros roubos, como nos relatam os párocos das freguesias de Abitureiras e de Santo Estêvão do Santíssimo Milagre. Em Santa Maria de Achete, a título de exemplo, o pároco relata a perda de 4.176 alqueires de trigo,

4.569 alqueires de cevadas, 3.132 alqueires de milho e 1.400 alqueires de legumes, 8.016 almudes de vinho, 80 almudes de aguardente, 1.359 de azeite e 112 almudes de vinagre, entre outros bens, calculando o prejuízo em 55.468\$570, a que se somavam os danos e perdas na igreja matriz e ermidas.

Na Ereira, atesta o cura Francisco de Sousa Raposo, espoliaram toda a roupa branca e «...o roubo e a rapina forão geraes: descobrirão o enterrado, arrombarão o entaipado e forão buscar até a mais podre rodilha, deixando-nos expoliados do dinheiro, do pão, azeite, vinho, fato, roupa, saúde e vida. Eu sofri o saque quatro vezes no para mim memorável dia de São Francisco de Borja 10 d'Oitubro, primeiro em minha mesma caza, onde fui atacado por muitos de cada vez, roubado e espancado à espada e bofitoens, para dar o dinheiro que não tinha; e depois de me ver sem sapatos nem camiza junto da noite, fugi logo que escureceo para hum palheiro e dahi, na madrugada, através de mil perigos, parti para Salvaterra, onde comecei a respirar.».

Na Póvoa dos Galegos: «roubarão todas as cazas e não deixarão nem mantimentos nem roupas e poucos moveis e esses com defeito; descobrirão muitas couzas enterradas e ocultas e athe dinheiros. Levarão toda a louça de cobre, arame, estanho e ferro, quebrarão toda a de barro; queimarão algumas vazilhas e despejos de vinho e levarão algumas ferragens delles, levarão quazi todas as caldeiras de agoa ardente; quebrarão tudo que erão pottes e talhas. Queimarão carros, xarruas, araveças<sup>85</sup>, grades, madeiras e quazi todas as portas; às mesmas oliveiras com o fruto lançarão o fogo, queimarão humas cazas, arruinarão quazi todos os telhados,

---

<sup>85</sup> Espécie de charrua, com uma só aiveca, que pode mudar-se de um para outro lado.

romperão muitas paredes, não deixarão ficar huma só caza, lagar, moinho, asenha de que se possão seos donos ou rendeiros servir sem fazerem muitas dispezas».

Em Pombal, «Alagarão todas as cazas que os povos entaiparão para escondrijo das suas roupas, pratas e oiro, que tudo roubarão». Em São Tiago Maior de Tremês, «nos primeiros diaz, roubarão, tudo sem diferença do sagrado e profano, e como tinham em abundancia inutilizarão muitas e muitas coizas, que, passado algum tempo, dellas tanto precisarão. E, acrescenta o prior Manuel Caetano Rodrigues da Fontoura e Mello, «todos nos fomos roubados de tudo quanto possuíamos, o que nos resta he fome e miseria, mas o que nos he mais sensível, alem da falta de mantimentos para nos alimentar, hé a falta de roupa em que nos agasalhemos. Os que logrão mediana saúde, pois completa nenhum, vão vivendo; mas como poderão supreviver os doentes, que a muitos a quem tenho hido administrar os secorros espirituais os tenho achado deitados no chão sobre palhas envoltos em velhos e rotos trapos»<sup>86</sup>. E acrescenta «quantos adoecem, quazi todos morrem, ou a nescedade de alimento e remedios, pois não tem com que os comprem, ou pella falta de medico, ou cirurgião, que os derija, porquanto dois que havia nesta aldeia, nem hum há agora, pois hum deles morreu também nesta catástrofe, e outro foi mandado hir com o Hospital Melitar para Elvas...; e nestes contornos, não há a quem recorrão sendo a hum já muito idozo, que pella sua decrepita idade poucas ou nenhuma vezitas faz, e se querem recorrer a Santarem, o medico ou cirurgião que hé chamado, leva ao doente pella vezita o que elle não tem nem

---

<sup>86</sup> MNA - Documentos para o estudo da época da Guerra Peninsular: Relação da paróquia de São Tiago Maior de Tremês. 1811, Julho 28.

quem lho empreste; por consequência morre infalivelmente o que adoece ou a fome ou ao desamparo».

Em Vaqueiros, relatou o cura, «roubarão todos os frutos e gados. Saquiarão todas as cazas, e os movens que não levavão ou queimavão ou resgavão ou quebravão; destruirão muintas cazas de forma que aquelles moradores estão morrendo de fome e mizeria».

O pároco de Vale de Figueira, de modo objectivo e em jeito de síntese, conta na resposta acerca dos roubos na freguesia, que «tudo foi roubado, bem asim dos artigos que havia como do particular das cazas, não restando traste algum; porque isto, como o que lhe não podia ser útil foi tudo queimado, e o que mais sensível se faz e de que brevemente sentiremos os tristes effeitos, hé a queima dos untecilios de lavoira, tudo que pertence à colheita do vinho; os lagares de azeite, a maior parte despedaçados; os armazéns o mesmo de maneira que será difficil fazerem-se os arranjos precizos por falta de meios; bem que desgraçadamente, no presente anno, não há muito que recolher».

Em suma, fazendo nossas as palavras do pároco do Outeiro da Cortiçada, quanto aos roubos, a freguesia «foi espoliada de tudo», o que é confirmado pelo Coadjutor Joaquim António da Silveira Fragoso de São Nicolau, relator e testemunha presencial dos acontecimentos: «o roubo foy geral para todos os que evacuando dezemparrão as suas cazas, e eu mesmo assim o experimentei ficando privado de tudo quanto tinha».

As suas casas seriam, numa primeira fase, ocupadas ou objecto de saque e de estragos e, por vezes, ainda incendiadas pelas tropas de Napoleão; numa segunda fase, após a saída do exército francês, ocupadas pelos soldados dos exércitos aliados, como aconteceu no Cartaxo, onde se instalou o quartel general de

Wellington, após a retirada da frente das Linhas de *l'Armée de Portugal*.

Quanto a incêndios de casas, para além dos já referidos, os testemunhos são também diversos. O cura de Alcanhões atesta a queima de muitas casas, reduzindo-as ao estado de ruína: «destilharão muitas cazas, queimarão duas e arruinarão todas... Ficou este lugar na maior consternação por verem os moradores delle suas cazas abertas, outras queimadas, portas e janellas partidas, trastes arruinados, e a maior parte ou todos fora das suas habitaçoens, tudo cheio de imundicias que cauzavão péssimos vapores; as adegas sem vazilhas, os armazens com os pottes e tanques quebrados, os seleiros onde havia tanto pão, sem portas e sem haver ja sinais delle, trastes pellas ruas meio despedaçados, pottes partidos, louças quebradas em toda a parte, sinaes das grandes fogueiros, muitos ossos de animais e alguns ainda inteiros, outros meio gastos, e em muita quantidade pellas ruas e estradas vizinhas, cauzando péssimos vapores que talvez juntos como a perturbação sustos e necessidades cauzarão a morte a grande numero de pesoas tanto deste lugar como dos vizinhos que se forão refugiar onde chamão a Comenda, nos subúrbios deste lugar, onde gozavão de algum socego por se acharem ali guardas francezas, que tinham mão algumas vezes aos que vinhão a roubar, quando não roubavão juntamente».

Quando as casas não eram todas incendiadas, tinham esse fim as portas, as janelas, as mobílias e demais trastes em madeira, sendo queimados, servindo as fogueiras na confecção de alimentos, ou tão-somente para aquecimento dos corpos frios e molhados dos soldados, num inverno particularmente rigoroso. Os demais ornamentos, quando não ardiam, porque fabricados de materiais não combustíveis, eram quebrados. Em Pombal, «roubarão tudo e

queimarão todo o vazilhame de vinho, quebrarão tanques, potes de recolher azeite», queimarão os lagares de vinho» e os lagares de azeite, queimarão engenhos de tirar água, e queimarão ainda «seis moradas de cazaz grandes e piquenas, alagarão vinte duas moradas, queimarão as portas, sobrados de quazi todas, arancarão os forros e os queimarão».

A dimensão, assim como o número de incêndios deveriam ter adquirido proporções gigantescas, pelo menos em alguns lugares, tendo permitido ao cura de Nossa Senhora da Luz da Póvoa dos Galegos, Alexandre Ferreira da Silva, a descrição de um cenário apocalíptico: «a vista do lugar ficou tristissima por se não ver mais do que Sinzeiros, paredes chamuscadas dos grandes fogueiros, arcos de vazilhas pellas ruas, pedaços de potes, de trastes, de louças, ossos de animais, partes de vazilhas. As adegas sem portas, as vazilhas sem ordem, sem postigos, o pavimento denegrido do vinho, e da borra delle, tudo em dezordem e cheias da maior imundicia, pello meio do lugar corpos de animais mortos de pouco tempo, que cauzavão péssimos cheiros, em quazi todos os olivais se achavão oliveiras queimadas, outras chamuscadas».

Em Santa Iria da Ribeira de Santarém, foram queimadas cinco casas, desde os alicerces, «alem de immensas sem portas, nem janellas e escadas, e muitas the sem telhados, mil e desmenzuradas ruinas, interiores e exteriores»,

Em Vale de Figueira, foram incendiadas três propriedades, rematando o prior Vítor Venâncio Mayer: «todos forão roubados de tudo que possuem e do que se não podião servir foi despedaçado, como trem de lavoira, vazilhas de vinho e de azeite, tudo despedaçado e queimado».

### **Os bois que perderão nos exércitos**

A estas relações devemos acrescentar outras que, por aviso régio, se exigia de todas as freguesias invadidas pelos exércitos *a fim de se saberem os freguezes que, no serviço dos exércitos, perderão seus bois*<sup>87</sup>, aviso régio que o pároco da freguesia de Santo Quintino, no termo do Sobral de Monte Agraço, recebera do arcebispo de Lacedemonia, datado de 22 de Junho de 1811<sup>88</sup>, contabilizando-se, pelo menos, no território da 1.<sup>a</sup> Linha, nomeadamente nos oito concelhos de então, a perda de 136 bovinos que, sendo maioritariamente bois, inclui um número significativo de vacas. Trata-se apenas de um número indiciador de uma realidade mais dramática, uma vez que não dispomos de dados para todas as freguesias<sup>89</sup>.

Para o concelho de Santarém, apurámos a perda apenas de 164 bois e de 51 vacas, pela «invasão do inimigo» e no serviço dos exércitos aliados, quer para transporte, quer para alimentação. São, contudo, números que apenas atestam a perda da maioria do gado sofrida pela população, uma vez que dispomos de informação sobre a perda de animais para apenas sete freguesias, e de entre estas, apenas possuímos dados quantitativos para quatro.

Na freguesia de Achete, ao apuramento de «50 bois e 11 vacas», no valor de 2.180\$000 e 252\$000, respectivamente, o pároco

---

<sup>87</sup> MNA - Documentos para o estudo da época da Guerra Peninsular: Relação da paróquia do Salvador do Mundo. 1811, Junho 30.

<sup>88</sup> MNA - Documentos para o estudo da época da Guerra Peninsular: Relação da paróquia de Santo Quintino. 1811, Junho 30.

<sup>89</sup> A propósito do total das perdas de cabeças de gado veja-se RITA, Fernando Manuel da Silva – *Op. cit.* p. 99-103.

somou 423 cabras, 58 carneiros, 297 ovelhas, 7 bestas muares, 149 bestas menores, 107 perus, 463 galinhas e 77 porcos.

No Outeiro da Cortiçada, registou o vigário encomendado António Pereira da Fonseca a seguinte situação quanto ao gado: «esta minha freguesia tinha vinte e tantos sinjaleiros que amanhão huma grande campina de que quazi todos se sustavão, todos os gados forão levados pellos inimigos e elles não tem com que comprem outros», ficando a dita campina por fazer. Na freguesia de Vaqueiros, roubarão todos os gados.

Curiosa é a nota do pároco de Pombal, testemunho de que o gado acompanhou a deslocação da população para o interior da primeira Linha de Defesa: «roubarão todos os gados vacum e lanigero, que os lavradores não poderão transportar para sul». Outros, perante o desespero da chegada eminente do exército invasor e a pressa na fuga para lugar seguro, procuraram vender os animais, muitas vezes por valor extremamente apeteçível para qualquer comprador. Esta mesma situação é referida pelo pároco de São Brás da Romeira, José Joaquim da Cunha Lima, a 9 de Julho de 1811: «outros mais pequenos proprietarios da dita freguesia os tinhão, mas os venderão antes da invasão dos inimigos, huns para se livrarem dos embargos na nosa tropa, outros com medo de lhes serem apanhados pelos inimigos, os venderão por todo o preço».

A título de exemplo, veja-se a relação dos lavradores, pequenos proprietários e cingeleiros que perderam os seus bois no serviço dos exércitos aliados e invasor, redigida e assinada por Jerónimo Joaquim Ribeiro, na ausência do prior de São Julião:

«1. Joze Thiago Marecos, no dia 8 de Outubro de 1810, perdeo dois bois com o respectivo carro, que conduzia o seu trem para a borda d'agua do Tejo, sendo embargado para levar a bagagem do Excelentíssimo General Miranda. Athe hoje não soube mais nem do

creado nem do carro e bois, os quaes dis lhe custarão 28 moedas de oiro.

2. Thomas Antonio de Carvalho Ginja perdeo huma junta de bois com seu competente carro no dia 6 de Outubro, chegando a esta villa o Exercito Combinado, sendo-lhe tomado pellos milicianos de Lixboa.

Perdeo mais 8 vacas e hum grande rebanho de porcos e porca de cria, que forão apanhados pellos Francezes, segundo dis o criado que os não pode salvar.

3. O Dr. Antonio Joaquim de Oliveira, primeiro medico, o Inspector dos Hospitaes Militares da Junqueira, na cidade de Lixboa, hum dos grandes proprietários desta villa, perdeo no tempo da Invazão dos Francezes nesta mesma villa e nos transportes dos Exércitos Portuguez e Inglez quatro juntas de bois.

Santarem, 7 de Agosto de 1811.».

Face ao exposto o cura de Nossa Senhora da Luz da Póvoa dos Galegos, Alexandre Ferreira da Silva, concluía do seguinte modo: «finalmente, por mais que diga, não posso pintar a consternação em que esta tudo; os ricos ficarão com fazendas a que não achão compradores nem rendeiros, os pobres não tem o que vender nem quem os remedei e daqui nascem as grandes mollestias, que vão graçando e tem cauzado a morte a grande numero dos habitantes.».

Tal era o estado dos campos que, encontrando-se por cultivar, faltavam as sementes, mas também os meios necessários para o seu amanho, como as alfaias agrícolas e o gado *vacum*. Assim se encontrava quase toda a região da Estremadura, de que encontramos eco nas palavras do prior Vítor Venâncio Mayer relativas à freguesia de Vale de Figueira: «Este o triste estado, a que se axa reduzida esta

povoação, padecendo já a falta da agricultura de pão, que nada se fez por falta de meios».

### ***O donativo britânico***

De facto, foram enormes os impactos humanos e materiais da invasão francesa de 1810-1811, dado o estado de destruição do país e de indigência da população portuguesa durante e após o acontecimento. Seria necessário um longo período e uma grande ajuda para a recuperação do estado da economia, tendo Portugal beneficiado do auxílio inglês, conhecido por «donativo britânico», dinheiro destinado às vítimas portuguesas da Guerra Peninsular<sup>90</sup>.

Para a sua repartição, constituiu-se uma comissão central em Lisboa, a «Junta dos Socorros da Subscrição Britânica» que, por seu turno, encarregou os bispos da distribuição dos donativos. A relação

---

<sup>90</sup> Não existem, porém, estudos para Portugal acerca do apoio inglês na construção e manutenção das Linhas, valor reclamado mais tarde por Inglaterra, em 3 de Abril de 1817, através do ministro plenipotenciário português em Londres, no valor de £ 255.793 mil (libras esterlinas). Esta reclamação justifica-se, segundo Londres, pelo facto do país dever a sua salvação e a sua independência às Linhas, e que por conseguinte Portugal deveria participar *em proporção da utilidade que retirou da construção das Linhas militares de Torres Vedras*. AHM, 3.<sup>a</sup> Div., 1.<sup>a</sup> secção, cx.5, p. 26. Correspondência de João Paulo Bezerra para o Patriarca Eleito de Lisboa, de 15 de Agosto de 1817. Cf. CLÍMACO, Cristina – *As Linhas de Torres Vedras: Invasão e resistência: 1810-1811*. Torres Vedras: Câmara Municipal; Lisboa : Colibri, 2010. p. 57.

E não existem tampouco estudos acerca da ajuda britânica a Portugal a exemplo dos estudos para Espanha, sobretudo o artigo de Alícia Laspra Rodriguez. Cf. LASPRA RODRÍGUEZ, Alicia - *La ayuda británica* (2007). In: MOLINER PRADA, Antonio, ed. – *La Guerra de la Independencia en España: 1808-1814*. Barcelona: Nablá Ediciones. p. 153-183.

Para o concelho de Santarém, veja-se RITA, Fernando Manuel da Silva – *Op. cit.* p. 115 e ss.

elaborada pelo reitor de São Domingos de Carmões, José Caetano Paes, é bem elucidativa no que diz respeito a este processo, assim como à necessidade de atribuição do donativo britânico, em observância de um Aviso do Patriarca Eleito, enviado ao vigário geral ou da vara, do arcediagado ou de cada arceprelado que, por sua vez, o remetia aos párocos, solicitando-lhes a sua colaboração na identificação dos pobres e necessitados do donativo britânico, segundo três classes:

- 1.<sup>a</sup> de necessitados pelas moléstias que padecem ou acabarão de padecer;
- 2.<sup>a</sup> dos necessitados por falta de meios para continuar o trafico ou maneiio, especialmente da agricultura que servia para sua subsistência;
- 3.<sup>a</sup> dos necessitados de reparos mais indispensáveis para remediar os danos das casas produzidos pela invasão.

A confiança e o reconhecimento das qualidades humanas e morais associadas aos membros do clero seculares faziam de cada pároco o juiz mais capaz de identificar o necessitado e de distribuir o respectivo valor, o melhor e mais justo distribuidor do auxílio britânico, dado o conhecimento e a proximidade que mantinham com a população. Auxílio que procurava minimizar os efeitos nefastos da peste que grassava no país, a que se destinava a 1.<sup>a</sup> classe, bem como para efectuar reparos nas casas, nomeadamente a colocação de portas, janelas tectos destruídos durante a invasão. Assim se entendem as despesas com corte e serragem de madeira no valor de 4.554\$000 réis, só na Estremadura<sup>91</sup>.

---

<sup>91</sup> RITA, Fernando Manuel da Silva – *Op. cit.* p. 84.

Mas importava igualmente lançar, literalmente, as sementes do futuro. Daí que se procurasse, em resposta à segunda classe, garantir moeda que permitisse a cada proprietário com terra adquirir as alfaias agrícolas em falta, destruídas pela guerra, assim como as respectivas sementes para as poderem lançar à terra. Todavia, na distribuição do donativo, paróquia a paróquia, ao invés do que encontrámos na região da primeira Linha, o destino do donativo britânico parece ter como alvo apenas os pobres, necessitados e doentes. Testemunha-o o comentário do cura de Nossa Senhora da Conceição da Várzea, aquando da distribuição do donativo: «distribui a quantia supra, que recebi da mão do illustrissimo Senhor Vigario Geral, pellos meos freguezes dos mais desgraçados que tenho, e só dei aquelles que se achavão doentes». E só poderiam ser os doentes, uma vez que os destinatários do donativo foram identificados por um cirurgião, a quem António da Costa Ramos solicitou ajuda na identificação dos necessitados, «por ser parocho de poucos dias».

Tendo em nossa posse a informação nominal sobre quem e quanto recebeu de donativo britânico, em cada freguesia, apresentamos apenas aqui os dados absolutos que cada uma recebeu.

**O donativo britânico no concelho, por freguesia**

Tabela n.º 3

<b>N.º Ordem</b>	<b>Nome</b>	<b>Esmolas do donativo da Grã-Bretanha</b>
1	Abitureiras	15\$000 (mil) réis
2	Achete	15\$000 réis
3	Alcanhões	17\$600 réis
4	Almoster (Santa Maria de...)	
5	Alpiarça	
6	Arruda dos Pisões	15\$000 réis
7	Azinhaga	17.600\$000 réis (entre os quais 8 orfãos, 4 de pai e mãe)
8	Azoia de Baixo	
9	Azoia de Cima	17.600\$000 réis
10	Cartaxo	40\$000 réis
11	Casével	15\$000 réis + 2.040\$000 réis da freguesia de Ribeira de Pernes
12	Chouto	
13	Ereira	15\$000 réis
14	Monção de Benfica	

15	Marvila (Santa Maria de...)	29\$770 réis
16	Outeiro da Cortiçada	15\$600 réis
17	Pinheiro Grande	
18	Pombal	
19	Pontével (N. Senhora da Purificação)	15\$000 réis
20	Póvoa dos Galegos	15\$000 réis
21	Raposa	
22	Rio Maior	
23	Romeira	
24	O Salvador [de Santarém]	29\$770 réis
25	Santa Cruz da Ribeira	17\$590 réis
26	Santa Iria [da Ribeira de Santarém]	30\$000 réis
27	Santa Maria de Alcáçova	6\$000 réis
28	Santo Estêvão do Santíssimo Milagre	18\$000 réis
29	São João da Ribeira	30\$900 réis
30	São João Evangelista de Alfange	12.000 réis = soma 12\$160 réis
31	São Julião	18\$000 réis
32	São Lourenço	12\$000 réis
33	São Martinho	18\$000 réis
34	São Mateus	5\$000 réis

A vila e o concelho de Santarém sob a invasão francesa de 1810-1811

Impactos materiais e humanos

35	São Nicolau	29\$770 réis
36	São Tiago	
37	São Vicente de Paúl	28\$800 réis
38	Tremês (São Tiago Maior)	28\$600 réis
39	Valada	17\$600 réis
40	Vale [de Santarém]	12\$000 réis
41	Vale da Pinta	15\$000 réis
42	Vale de Cavalos	
43	Vale de Figueira	
44	Vaqueiros	16\$000 réis + 1\$600 réis da Ribeira de Pernes
45	Várzea	15\$000 réis
	<b>TOTAL</b>	<b>619\$000</b>

### Conclusão

Em suma, ficou-nos a análise dos impactos humanos e materiais, mas também a “voz” de muitos que testemunharam as crueldades infligidas à população durante a tradicionalmente designada terceira invasão francesa, sob o comando do marechal André Massena. As fontes, que seguimos, permitem-nos, duzentos anos depois, aproximar da vivência apocalíptica de que terão sido alvo, aqueles que a marcha do exército invasor alcançou na sua

frente, permitindo-nos encontrar nelas gemidos, apesar de parecerem silenciados.

A violência era incutida nos habitantes, mormente por parte do exército francês, tornando os poucos que encontravam no seu caminho – sobretudo idosos, entrevados e doentes - vítimas de maus tratos e de tortura, muitas vezes, devido ao facto de não terem tido tempo ou condições físicas para abandonarem as suas casas, como o fizeram quase todos os habitantes destas freguesias. Maioritariamente sem casa e comida e expostos à doença, o estado de indigência dos homens e mulheres no concelho era lastimoso e miserável.

As causas de tantas mortes registadas pelos clérigos nas suas relações são também por si explicadas. Na maior parte dos casos, são o resultado da violência gratuita perpetrada pelo exército francês, violência que, por vezes, e em diferentes situações, não é menor da parte das tropas inglesas, ainda que silenciada pelas fontes do concelho de Santarém. Naturalmente, o impacto da destruição foi maior onde a presença dos exércitos se manteve durante mais tempo.

Das consequências materiais, fazem parte igualmente as destruições e profanações das igrejas e ermidas do concelho de Santarém, não apenas nos edifícios, mas também nos trastes e ornamentos. A maior parte ficou impossibilitada de manter o culto, por vezes sem telhado, sem as portas e janelas, a exemplo do que aconteceu nas casas particulares, assim como outros ornamentos em madeira queimados pelos soldados, maioritariamente para seu aquecimento. O mesmo aconteceu ainda com outros ornamentos, quebrando aqueles que o fogo não consumira. A par da destruição, as relações referem quase sempre os roubos das “preciosidades”, assim como a utilização e a destruição das vestes sacras para a sua própria

cama ou para vestirem, na procura de manter o corpo seco, quando os dias eram chuvosos e frios. Não deixaram de arrombar os carneiros e de revolver o próprio soalho das igrejas, descobrindo inúmeras alfaias enterradas.

Muitas igrejas acolheram os soldados que, encontrando as suas portas fechadas, as arrombavam. Mas também serviram de armazéns, paióis, cavalariças e açougues, profanando-as. Todavia, o desrespeito de que foram alvo as igrejas não foi exclusivo dos franceses, levando o pároco de São João Baptista de Alhandra a referir o seguinte: *Quebraram e queimaram e fizeram desaparecer todas as imagens das ermidas, especialmente as de Christo a quem os inglezes chamão os homens de páo*. Situação que também aconteceu em Santarém, depois da saída das tropas francesas.

Continuando a Guerra Peninsular em solo espanhol, diversos edifícios religiosos da então vila continuaram ocupados por militares dos exércitos aliados, apoiando a rearguarda das suas operações, servindo de aquartelamento e de hospitais militares de apoio à campanha, sendo exemplo disso os conventos de São Domingos e do Sítio<sup>92</sup>.

Todavia, dada a já extensão do nosso estudo sobre *a vila e o concelho de Santarém sob a invasão francesa de 1810-1811*, deixamos para nova oportunidade os impactos no património religioso, assim como a profanação dos templos. Neste aspecto, também é grande o volume das informações, em resposta maioritariamente às questões quarta e quinta do “inquérito”.

---

<sup>92</sup> RITA, Fernando Manuel da Silva – *Op. cit.* p. 84.

De fora do nosso estudo ficaram também as freguesias de Alcanede e Pernes, actualmente integradas no município de Santarém, mas que eram então sedes de concelhos extintos em 1855. E, a par destes, outros concelhos da margem direita do rio Tejo, integrados na antiga comarca de Santarém, tais como Alcoentre, Aveiras de Baixo, Aveiras de Cima, Azambuja, Azambujeira, Golegã, Lamarosa, Manique do Intendente, Paialvo e Torres Novas.

**ANEXO 1**

**Lista de párocos das paróquias do concelho de  
Santarém em 1810-1811**

<b>N.º Ordem</b>	<b>Identificação da Paróquia</b>	<b>Identificação do pároco</b>
1	Nossa Senhora da Conceição de Abitureiras	O prior António Paulo Ferreira Baptista
2	Santa Maria de Achete	O vigário encomendado Manuel dos Reis Santos Monteiro
3	Santa Marta de Alcanhões	O cura António Pedro Neto
4	Santa Maria de Almoester	
5	[Santo Eustáquio] de Alpiarça	
6	São Gregório Magno de Arruda dos Pisões	O vigário encomendado José Agostinho Ferreira e Mello <sup>93</sup>

---

<sup>93</sup> AHPL - *Registo*: 1782-1817. Liv. 13, fl. 345v. *Encomendação*: «Em 29 de Setembro de 1810, se passou carta de encomendação da igreja de São Gregorio d'Arruda dos Pizoens, no arcediagado de Santarém, por hum anno, a favor do Padre Joze Agostinho Ferreira de Mello, por despacho do Eminentissimo Senhor Patriarcha Eleito, de 14 do mesmo mez. Declaro que foi passada a 22».

7	Nossa Senhora da Ponte de Almonda de Azinhaga	O Padre/Cura Francisco Ignacio da Silva
8	[Nossa Senhora da Conceição] de Azoia de Baixo	
9	Nossa Senhora da Graça Azoia de Cima	O vigário Frei Joaquim da Silva Duarte (?)
10	São João Baptista do Cartaxo	O pároco António Teixeira Leitão
11	Santa Maria de Casével	O padre Frei José Antunes Branco
12	[Nossa Senhora da Conceição] do Chouto	
13	Divino Espírito Santo da Ereira	O cura Francisco de Sousa Raposo o Cura José Eugénio de Souza (donativo britânico))
14	Santa Marta de Monção de Benfica	
15	Santa Maria de Marvila	O prior interinamente Encomendado José Joaquim Baptista
16	Nossa Senhora da Ribeira do Outeiro	O vigário

A vila e o concelho de Santarém sob a invasão francesa de 1810-1811

Impactos materiais e humanos

	da Cortiçada	encomendado António Pereira da Fonseca
17	[Santa Maria] do Pinheiro Grande	
18	Santa Cruz de Pombal [⇒Pombalinho]	O cura Manuel Alves dos Reis
19	Nossa Senhora da Purificação de Pontével	Frei Leonardo dos Prazeres, religioso de São Francisco  Prior Francisco de Sousa Raposo (donativo britânico)
20	Nossa Senhora da Luz da Póvoa dos Galegos	O cura Alexandre Ferreira da Silva
21	[Santo António de] Raposa	
22	Nossa Senhora da Conceição de Rio Maior	
23	São Brás da Romeira	O padre José Joaquim da Cunha Lima
24	O Salvador [de Santarém]	O vigário Domingos Ferreira

25	Santa Cruz da Ribeira	O Beneficiado coadjutor Francisco Rodrigues Afonso
26	Santa Iria [da Ribeira de Santarém]	o coadjutor José Nunes Montez Matoso
27	Santa Maria da Alcáçova	o cônego Joaquim de Sá Pereira de Carvalho Soares Mendes
28	Santo Estêvão do Santíssimo Milagre	O prior Encomendado Jerónimo Joaquim Ribeiro
29	São João da Ribeira	o vigário Manuel Baptista Madeira
30	São João Evangelista de Alfange	O cônego Francisco Félix de Mendonça Fialho  O vigário Encomendado Manuel Roberto (donativo britânico)
31	São Julião	O prior João

A vila e o concelho de Santarém sob a invasão francesa de 1810-1811

Impactos materiais e humanos

		Silvério de Lima
32	São Lourenço	O prior Manuel José Esteves de Campos
33	São Martinho	O Prior Carlos da Silva Machado
34	São Mateus	O prior Vicente Carlos Bertram
35	São Nicolau	O coadjutor Joaquim António da Silveira Fragoso
36	São Tiago	
37	São Vicente do Paúl	o padre José Vieira Gomes
38	São Tiago Maior de Tremês	o prior Manuel Caetano Rodrigues da Fontoura e Mello
39	Nossa Senhora da Expectação do Ó de Valada	O vigário encomendado o padre Fernando António
40	Nossa Senhora da Esperança do Vale [de Santarém]	O prior João Silvério de Lima; O padre

		Jerónimo Joaquim Ribeiro (donativo britânico)
41	São Bartolomeu, Apóstolo, do Vale da Pinta	O pároco encomendado Feliciano Jozé Alvarez Ferreira
42	[Divino Espírito Santo] de Vale de Cavalos	
43	São Domingos de Vale de Figueira	O prior Vítor Venâncio Mayer
44	Divino Espírito Santo de Vaqueiros	O Frei José Antunes Branco
45	Nossa Senhora da Conceição da Várzea	O cura padre Simão Baptista Madeira;  O cura António da Costa Ramos (donativo britânico)

2

## Relação da Freguesia de Santa Maria de Achete

Eminentíssimo Senhor

Com o devido respeito, devo representar a Vossa Eminencia que, observando e meditando sobre as cauzas que oprimem o restante desta população, não posso deixar de sentir e participar d'algum modo da sua afflicçam. Tem ella seu principio e consequências na invasão do inimigo e fuga do mesmo. Por beneficio da Divina Providencia, sabedoria do imortal **Weleslei, Bresford** e Prudentissimo Governo que nos rege, estamos livres dos vandalos e salteadores; resta-nos apagar os vestígios da guerra, que ainda aparecem; para isso e na parte que me toca, procuro o auxilio e protecção de Vossa Eminencia.

A guerra, qualquer que ella seja, he dos maiores castigos que tem a sofrer a humanidade; porem a que fazem os malvados Francezes me parece a peor de todas, porque difere das outras na invenção, no modo, na cauza e nos pessimos autores que traçarão o seu plano, os executores são praticos infernaes.

No dia sette de Outubro do ano pretérito, tanto que comunico aos habitantes desta freguesia o Avizo que me foi apprezentado para nos refugiarmos a **Linha de Defeza**, todos se poem em movimento; e nesse mesmo dia sahimos, ficando **hum pequeno numero com alguns doentes e entrevados**, cujo transporte percizava de algum arranjo e demora. Emquanto eles obedecem, eu admiro sua confiança no Pai da Patria, e seu desapego e prontidão: quazi todos me seguem.

Noticias vagas de que a guarda franceza passava a Rio Maior he cauza do primeiro susto que nos combate, e se dividem os viajantes. Os malvados respeitão a **linha de defeza** e se espalhão por esta parte da provincia, fazendo ponto em Santarem, onde esperão os meios da sua subsistencia. Já se espalhão como os gafanhotos no Egipto, e perseguem os fugitivos por toda a parte, outra cauza da sua aflicção. Molhados, sem roupas, entranhados pelas montanhas, ali mesmo continuados sustos, **os gritos dos que erão traspassados com o duro ferro ou apprehendidos; a falta do sustento diario** e dos meios para elle; **os bichos, todas as privações...** Taes forão as cauzas que, penso, lhes arruinarão a saude, occasionarão a morte d'hum grande numero e são o motivo porque muitos diariamente adoecem e porque encontro os cazados na mesma cama doentes, os filhos sobre huma arca que escapou; outros em palha sobre o cham e em lages; e todos sem hum perito, sem remedio, sem sustento, sem nada a maior parte porque são pobríssimos; e eu sem poder socorrer nenhum, porque tendo de cõngrua 13\$333 reis, nem esses me pagam.

Nestas circumstancias he que humildemente suplico para eles a protecção de Vossa Eminencia, fazendo-me remeter, e se partir

Para o sustento:

Algum pam

Algum arros

Algum assucar

Algum dinheiro

Para o tratamento:

Tartaro emético – preparado

Quina optima – em casca e em po

Sevada da terra

Maça caustica

Unguento bazalicao

Raspa de viado

O Doutor Joze Marcelino Franco, medico que assistio em Santarem, e se acha em Lixboa, morador refugiado, junto ao Arco do Bandeira, que não tem partido naquela villa, e era digno por sua sciencia e pratica, de melhor sorte e premio, mesmo porque tem servido a Patria em mais occaziões, poderia informar a Vossa Eminencia quanto ao que assima proponho. Quanto toca à minha pessoa, o Reverendo Conego de Alcaçova Antonio Venancio, mestre do Seminario de Vossa Eminencia, e os que me conhecem.

Eis aqui o que me propuz representar a Vossa Eminencia para bem dos meus parochianos pobres, bem instruídos da piedade e caridade e mais predicados que ornão a Sagrada Pessoa de Vossa Eminencia, o que espero mereça sua atenção, suplicando também haja por bem desculpar minha confiança, animarão-me os altos títulos que distinguem, ornão e pertencem a Vossa Eminencia, Pai dos pobres, heroe do patriotismo, exemplar da virtude, estímulo da honra, grande amigo do Principe Regente Nosso Senhor e da brava e guerreira Nação Portugueza... Deus guarde a Sagrada Pessoa de Vossa Eminencia por muntos, mui felizes e dilatados anos para bem e utilidade da Santa Igreja e do Estado, como dezeja este que tem a lata honra de ser

De Vossa Eminencia

Eminentissimo Senhor Patriarcha Elleito

Subdito o mais obediente e capelão reverente

Rezidencia de Santa Maria de Achete, 11 de Maio de 1811.

*O Vigario Encomendado Manoel Reis Santos Monteiro*

## Fontes e Bibliografia

### Fontes

Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT) - *Dicionário Geográfico de Portugal*. Vol. 5, nº 74, p. 999 a 1006.

Arquivo Histórico do Patriarcado de Lisboa (AHPL) – *Registo: 1782-1817*. Liv. 13, fl. 339-339v.º

CONCEIÇÃO, Cláudio da – Memória do que aconteceu ao Santo Milagre de Santarém pela invasão dos franceses naquela vila em o mez de Outubro de 1810. Lisboa: Impressão Régia, 1811.

Museu Nacional de Arqueologia (MNA) - «Documentos para o estudo da época da Guerra Peninsular» comprados por J. J. Leite de Vasconcelos no alfarrabista, na rua da Páscoa, n.º 35, em Lisboa, a 1 de Julho de 1909.

### Estudos

CANÊLHAS, Armando [s.d.] – *O tempo dos franceses e as Linhas de Torres*. [s.l.: s.n.].

CATARINO, Maria Manuela (2005) – Manoel Agostinho Madeira Torres: percursos de uma vida. In *Turres Veteras VII: História das figuras do poder*. Torres Vedras: Câmara Municipal. p. 121-128.

CLEMENTE, Manuel (1991) – *Torres Vedras sob as invasões francesas: o testemunho do padre Manuel Agostinho Madeira Torres*. Lisboa: sep. Da Revista Militar.

CLÍMACO, Cristina (2010) – *As Linhas de Torres Vedras: Invasão e resistência: 1810-1811*. Torres Vedras: Câmara Municipal; Lisboa: Colibri.

--- (2010) – O Vale do Douro e as Linhas de Torres Vedras: preparativos e constrangimentos de uma expedição em 1810-1811 ou como Napoleão perdeu Portugal. Congreso Internacional *La Guerra de la Independencia en el Valle del Duero: los asedios de Ciudad Rodrigo y Almeida*. Ciudad Rodrigo, Almeida: Junta de Castilla y León. Consejería de Cultura y Turismo. 5-8 Outubro. [texto policopiado].

--- (2010) *Do outro lado das Linhas de Torres Vedras: l'armée de Portugal de sitiante a sitiada*. Comunicação apresentada no seminário *As Linhas de Torres: uma história com futuro*. 26 Novembro de 2010. [texto policopiado].

FERREIRA, Ana [et al.] (2006) – *Manoel Agostinho Madeira Torres: o patrono da Escola Secundária de Madeira Torres*. Torres Vedras: escola Secundária de Madeira Torres.

GERALDO, José Custódio Madaleno (2011) – *As Invasões Napoleónicas: desde a ida da família real para o Brasil às Linhas de Torres: 1807-1811*. Lisboa: Âncora.

JONES, John T. [2004] – *Memoranda relative to The Lines thrown up to cover Lisbon in 1810*. [fac-simile da ed. de 1829]. Uckfield : The naval & Military Press.

LASPRA RODRÍGUEZ, Alicia - La ayuda británica (2007). In: MOLINER PRADA, Antonio, ed. – *La Guerra de la Independencia en España : 1808-1814*. Barcelona: Nabla Ediciones. p. 153-183.

LOBO, Francisco de Sousa (2008) - A defesa das Linhas de Torres Vedras. In *Um general que chega um príncipe que parte um país que resiste: Portugal 1807-1808*. Ericeira: Mar de Letras Editora. p. 81-100.

MELÍCIAS, André Filipe Vítor (2008) – *As Linhas de Torres Vedras: construção e impactos locais*. Torres Vedras: Livrododia, Câmara Municipal.

MOLINER PRADA, Antonio (2002) - La raya durante La Guerra de la Independencia. *La raya Luso-Espanhola*. Ciudad Rodrigo: Ayuntamiento. p. 79-110.

LOPES, Maria Antónia (2009) – Mujeres (y hombres) victimas de la 3.<sup>a</sup> invasión francesa en el centro de Portugal. In GARCÍA, Emilio de Diego, dir. (2009) - *El comienzo de la Guerra de la Independencia: Congreso Internacional del Bicentenario: Madrid, 8-11 de abril 2008 : Actas*. Madrid: Editorial Actas. p. 750-772.

MONTEIRO, Miguel Correia, coord. (2011) – *Linhas de Torres Vedras: um sistema defensivo a norte de Lisboa*. Torres Vedras: PILT; Lisboa: Academia Portuguesa de História.

NORRIS, Alfred H., BREMNER, R. W. (1980) - *The Lines of Torres Vedras*. 2.<sup>a</sup> ed. Lisbon: British Historical Society of Portugal.

PIRES, Nuno Barrento de Lemos, VALENTE, Augusto Monteiro (2006) - *Almeida e as Invasões Francesas*. Almeida: Câmara Municipal.

RODRIGUES, Teresa (1993) - *Lisboa no século XIX: Dinâmica populacional e crises de mortalidade*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1993. p. 382. [Provas de Doutoramento em História Económica e Social dos Séculos XIX e XX apresentadas à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa].

*Rota Histórica das Linhas de Torres: Guia* (2011). Torres Vedras: Rota Histórica das Linhas de Torres, 2011. Edições em língua portuguesa, espanhola e inglesa. SILVA, Carlos Guardado da (2010) - As Linhas de Torres Vedras. In BRÁS, Rui, coord. – *Guerra Peninsular: 1807-1814: Exposição = The Peninsular War: 1807-1814: Exhibition*. Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres Vedras. Museu Municipal Leonel Trindade.

--- (2010) – *Um país silencioso: Uma história das Linhas de Torres Vedras*. Lisboa: Colibri.

SILVA, Carlos Guardado da, coord. (2009) – *A Guerra Peninsular*. Lisboa: Colibri; Torres Vedras: Município.

SILVA, Carlos Guardado da, «A invasão francesa de 1810-1811: consequências materiais e humanas no território da 1.<sup>a</sup> Linha de Torres Vedras». In: VICENTE, António Pedro, coord. científica- *A Guerra Peninsular em Portugal : 1810-1812: Derrota e perseguição: a invasão de Masséna e a transferência das operações para Espanha: XX*

A vila e o concelho de Santarém sob a invasão francesa de 1810-1811

Impactos materiais e humanos

*Colóquio de História Militar: Actas*. Lisboa: Comissão Portuguesa de História Militar, 2012. Vol. 2, p. 747-778.

--- (2010) *As Linhas de Torres Vedras*. Lisboa: Colibri; Torres Vedras: Município.

--- (2011) - *A vida quotidiana nas Linhas de Torres Vedras*. Lisboa: Colibri; Torres Vedras: Município.

RITA, Fernando Manuel da Silva - *A Guerra Peninsular em Santarém: impactos da terceira invasão francesa na região em 1810 e 1811*. Lisboa: Prefácio, 2011.

SILVA, Carlos Guardado da; BRÁS, Rui (2010) - De Ciudad Rodrigo a las Líneas de Torres Vedras. In CID CEBRIÁN, José Ramón, coord. - *La ciudad frente a Napoleón: Bicentenario del sitio de Ciudad Rodrigo de 1810: Estudios*. Ciudad Rodrigo: Ayuntamiento; Salamanca, Diputación. p. 181-197.

SILVEIRA, Luís Nuno Espinha da, coord. - «Censo de 1801». In: *Os Recenseamentos da população portuguesa de 1801 e 1849: edição crítica*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 2001. Vol. 1, p. 189-191.

SOUSA, Ana Catarina; LUNA, Isabel de, LEAL, Rui de Sá (2008) - Telegrafia visual na Guerra Peninsular: 1807-1814. *Boletim Cultural*. Mafra: Câmara Municipal. p. 67-141.

SOUSA, Maria Leonor Machado de Sousa (2007) - *A Guerra Peninsular em Portugal: relatos britânicos*. Lisboa: Caleidoscópio.

TERENAS, Gabriela Gândara (2000) - *O Portugal da Guerra Peninsular: a visão dos militares britânicos: 1808-1812*. Lisboa: Colibri, 2000. [2.<sup>a</sup> ed. 2010].

TORRES, Manuel Agostinho Madeira (1988) - *Descrição histórica e económica da villa e termo de Torres Vedras*. Fac-símile da 2.<sup>a</sup> ed. acrescentada com algumas notas dos editores. Torres Vedras: Santa Casa da Misericórdia.

VENTURA, António, Int. (2010) - *Linhas de Torres Vedras: memórias francesas sobre a III Invasão*. Lisboa: Livros Horizonte.